



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO E FUNDAÇÃO  
JOAQUIM NABUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E  
IDENTIDADES

JOSIANE DA SILVA MORAIS

**AS CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR LIVRE DE CRIANÇAS DE 2 ANOS NO  
CONTEXTO DA CRECHE: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO E POSTURA  
DA EDUCADORA À LUZ DA ABORDAGEM PIKLER**

RECIFE – PE

2024

JOSIANE DA SILVA MORAIS

**AS CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR LIVRE DE CRIANÇAS DE 2 ANOS NO  
CONTEXTO DA CRECHE: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO E POSTURA  
DA EDUCADORA À LUZ DA ABORDAGEM PIKLER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Fundação Joaquim Nabuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Culturas e Identidades.

**Orientadora:** Profa. Dra. Emmanuelle Christine Chaves da Silva

RECIFE – PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

M828c Morais, Josiane da Silva.

As configurações do brincar livre de crianças de 2 anos no contexto da creche: investigando a percepção e postura da educadora à luz da abordagem Pikler / Josiane da Silva Morais. - Recife, 2024.

93 f.; il.

Orientador(a): Emmanuelle Christine Chaves da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

1. Brincadeiras. 2. Professores de creches. 3. Pikler, Emmi, 1902-1984. 4. Educação infantil I. Silva, Emmanuelle Christine Chaves da, orient. II. Título

CDD 370

**AS CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR LIVRE DE CRIANÇAS DE 2 ANOS NO  
CONTEXTO DA CRECHE: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO E POSTURA  
DA EDUCADORA À LUZ DA ABORDAGEM PIKLER**

JOSIANE DA SILVA MORAIS

Dissertação de Mestrado avaliada em 29/08/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Dr<sup>a</sup> Emmanuelle Christine Chaves da Silva (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI),  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco

---

Professora Dr<sup>a</sup> Flávia Peres (Examinadora Interna)

Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI),  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco

---

Professora Dr<sup>a</sup> Ana Paula Mota

Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Professora Dr<sup>a</sup> Catarina Gonçalves  
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) no Centro de  
Educação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais pelo dom do amor que me engrandece todos os dias.

Às minhas irmãs por toda admiração e cuidado.

Aos meus sobrinhos por todo orgulho e por me fazerem ser a tia mais feliz do mundo.

À família Lima por todo cuidado e acolhimento, sem vocês nada disso seria possível.

À minha querida orientadora e à banca pela sensibilidade das palavras.

Aos meus primos e amigos queridos por toda escuta.

À família Despertar por sempre acreditar em mim.

Aos meus amigos e familiares de São Paulo pelo afago nos momentos difíceis.

Agradeço e dedico com todo amor essa dissertação a vocês.

## RESUMO

O brincar livre é uma ferramenta poderosa que contribui para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico, além de fomentar a autonomia, a criatividade e a capacidade de inovação. É através do brincar livre que as crianças aprendem de forma ativa e significativa, construindo conhecimentos baseados em suas experiências diretas e interesses. Além disso, é uma forma essencial de gerenciamento das emoções, que ajuda no desenvolvimento do autocontrole e da regulação emocional. A pesquisa objetivou compreender a percepção e a postura da educadora sobre o brincar livre e a sua repercussão na atividade autônoma das crianças de 2 anos, do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) 8 de Março, localizado no Ibura, Recife/PE. Além disso, trouxe como objetivos específicos: identificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica da educadora e como ela o concebe; investigar quais são as configurações do brincar livre das crianças considerando as atitudes da educadora; e por fim, analisar as possíveis atitudes da educadora em relação ao brincar livre das crianças. Trata-se de um estudo de múltiplos casos, uma vez que, envolve uma pesquisa em uma creche, onde a coletividade é indispensável. A base teórica da pesquisa encontra-se nos conceitos das pedagogias ativas, baseadas em Craidy e Kaercher (2012), Fochi (2013), Horn (2017) e Pikler na visão das autoras Falk (2022) e Soares (2020), assim como a importância da creche a partir da fundamentação de Oliveira (2019) e as discussões sobre o cuidar e educar contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). É um estudo de caráter qualitativo, que tem o objetivo de interpretar e entender a temática estudada, utilizando a base teórica acerca do brincar livre amplamente relacionada à Abordagem Pikler. Para coleta de dados, foram utilizados registros videográficos com o objetivo de observar as diversas questões que surgem enquanto as crianças brincam, além das entrevistas semiestruturadas e projetivas, realizadas com a educadora. A observação foi feita com as crianças do grupo II do referido CMEI. Tivemos como inspiração para as análises dos dados coletados, a proposta pikleriana acerca do cuidado e educação dos bebês, com base na atividade autônoma, dentro do seu brincar livre, assim como, a análise textual discursiva que tem como prioridade examinar discursos em diferentes contextos. Encontramos como resultado diferentes posturas da educadora, conforme a sua necessidade de atuação e diversas configurações do brincar livre dos bebês.

**Palavras-chave:** brincar livre; postura da educadora; Abordagem Pikler.

## ABSTRACT

Free play, a potent tool, contributes significantly to the cognitive, social, emotional, and physical development of babies. It fosters autonomy, creativity, and the capacity for innovation. Through free play, childrens learn actively and meaningfully, building knowledge based on their direct experiences and interests. Moreover, free play is an essential way of managing emotions, aiding in developing self-control and emotional regulation. The research aims to understand the educator's conception and stance on free play and its profound impact on the autonomous activity of 2-year-old babies at the Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) 8 de Março, located in Ibura, Recife/PE. Additionally, the specific objectives are to identify whether and how free play is integrated into the educator's pedagogical practice and how it is perceived; to investigate the configurations of free play for babies considering the educator's attitudes; and finally, to analyze the possible attitudes of the educator towards the free play of babies. This is a multiple case study involving research at a daycare center where collectivity is essential. The theoretical foundation of the research is based on the concepts of active pedagogies, drawing from Craidy and Kaercher (2012), Fochi (2013), Horn (2017), as well as the importance of daycare as established by Oliveira (2019) and the discussions on care and education outlined in the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI). The study is a qualitative investigation aimed at interpreting and understanding the studied theme, using theoretical foundations related to free play, particularly the Pikler Approach. Data collection involved video recordings to observe various issues arising during play and semi-structured and projective interviews with the educator. Observations were made with the children from Group II of the mentioned CMEI. The analysis of the collected data was inspired by Pikler's approach to baby care and education, focusing on autonomous activity within free play, and was complemented by textual discursive analysis, which prioritizes examining discourses in different contexts. The results revealed different educator stances based on their needs and various configurations of free play among the babies. This research is crucial for the advancement of early childhood education and the understanding of the role of free play in it.

**Keywords:** *free play*; educator's posture; Pikler approach.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Fachada da creche do CMEI 8 de março.	45
<b>Figura 2.</b> Espaço interno do CMEI 8 de março.	45
<b>Figura 3.</b> Pátio do CMEI 8 de março.	46
<b>Figura 4.</b> Refeitório/cozinha do CMEI 8 de março.	46
<b>Figura 5.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dezoito, na categoria “Não observação ao brincar livre”.	56
<b>Figura 6.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio 12.	58
<b>Figura 7.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio doze.	59
<b>Figura 8.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e sete.	60
<b>Figura 9.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio treze.	61
<b>Figura 10.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio três.	62
<b>Figura 11.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e cinco.	63
<b>Figura 12.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e oito.	64
<b>Figura 13.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dezesseis.	67
<b>Figura 14.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dez.	68
<b>Figura 15.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dezenove.	69
<b>Figura 16.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e oito.	70
<b>Figura 17.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio seis.	71
<b>Figura 18.</b> Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e dois.	72

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Dados de identificação da educadora de referência.	47
<b>Tabela 2.</b> Agenda das salas ambientes do grupo II.	54

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADI's	Auxiliares de Desenvolvimento Infantil
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEI	Centro de Educação Infantil
CMEI	Centros Municipais De Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei Diretrizes e Base da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>22</b>
2.1 AS CRIANÇAS BEM PEQUENAS	22
2.2 A CRECHE: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO	26
2.3 A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM CRECHE	31
2.4 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A ABORDAGEM PIKLER	33
2.5 PRINCIPAIS REFLEXÕES ACERCA DO BRINCAR LIVRE NA CRECHE	37
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>42</b>
3.1 APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	44
3.2 OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	47
3.3 MATERIAIS	48
3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	49
<b>3.4.1 Verificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica da educadora e como ela o concebe</b>	<b>49</b>
<b>3.4.2 Investigar quais são as configurações do brincar das crianças em relação às atitudes da educadora</b>	<b>50</b>
<b>3.4.3 Analisar as possíveis atitudes da educadora em relação ao brincar livre das crianças</b>	<b>50</b>
3.5 PROPOSTA DE ANÁLISE DOS DADOS	50
<b>3.5.1 Análise dos dados da entrevista semiestruturada e da entrevista projetiva</b>	<b>50</b>
3.6 QUESTÕES ÉTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS	52
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>54</b>
4.1 DAS OBSERVAÇÕES	54
<b>4.1.1 O que diz a postura da educadora</b>	<b>55</b>
<b>4.1.2 As configurações do brincar livre</b>	<b>66</b>

4.2 RESULTADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A EDUCADORA	73
4.2.1 O brincar livre na prática docente: o que nos diz a entrevista projetiva	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE 1: COLETA DE DADOS DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	84
APÊNDICE 2: ANÁLISE DOS REGISTROS EM VÍDEO	85
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA (EDUCADORA)	86
ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)	88

## 1 INTRODUÇÃO

---

*“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”*  
(Winnicott, 1975).

---

Compreender as infâncias, as crianças e a educação infantil é uma tarefa complexa devido à ampla variedade de fatores envolvidos. Existem várias dimensões que precisam ser consideradas ao explorar esses temas, incluindo aspectos sociais, psicológicos e culturais. A diversidade das vivências no mundo infantil ocorre porque cada infância é uma experiência única que desempenha um papel fundamental e influencia significativamente a vida e o desenvolvimento da criança (Barbosa; Horn, 2012).

É importante ressaltar que a compreensão das infâncias vem ganhando diferentes concepções ao longo do tempo, sobretudo, acerca das teorias que abrangem o desenvolvimento infantil. Essas perspectivas variam conforme o contexto, o que torna essencial considerar diferentes pontos de vista ao estudar e compreender as concepções sobre a infância. Antigamente, por exemplo, a individualidade da criança não era reconhecida. Hoje, estudos demonstram a importância de respeitar essa individualidade, reconhecendo suas particularidades e especificidades em diferentes aspectos, incluindo a faixa etária (Machado, 2005).

No Brasil, apesar dos grandes avanços, o reconhecimento sobre a importância dos três primeiros anos de vida ainda precisa ser ampliado e fortalecido. O entendimento de que as experiências mais precoces das crianças impactam seu aprendizado, suas relações e seu desenvolvimento enfrenta um processo lento de aceitação. Isso ocorre porque, ainda hoje, algumas ideias governamentais e de pesquisadores tendem a colocar as experiências cotidianas das crianças, sobretudo em ambientes coletivos, em segundo plano ou até mesmo a considerar essas experiências como menos importantes (Fochi, 2013).

Assim, estudos voltados para a infância são essenciais, uma vez que, durante os primeiros anos de vida, o desenvolvimento acontece de uma forma particular, pois o cérebro das crianças bem pequenas passa por um processo de desenvolvimento neural,

sendo esse período crucial para a formação de conexões cerebrais, constituindo a base para a promoção de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Isso significa que as experiências e estímulos durante a primeira infância têm um impacto significativo no desenvolvimento da criança. As habilidades desenvolvidas nesse período são cruciais para a construção da linguagem, da alfabetização e para aspectos emocionais fundamentais, como a auto-regulação. Além disso, a qualidade do ambiente tem efeitos positivos na saúde e no bem-estar ao longo da vida. Portanto, investir na primeira infância é essencial para promover um desenvolvimento saudável, o que, por sua vez, contribui para a formação de uma sociedade mais equitativa e próspera (Marino; Pluciennik, 2013).

Diante deste cenário, reconhecemos que os primeiros anos de vida é o período mais importante para o desenvolvimento humano e sabemos também que muitas práticas de cuidado em ambientes coletivos, por exemplo, em creches, acabam não oportunizando experiências que ajudem a promover as diversas dimensões dos bebês tais como: brincar, interagir com outras crianças e se envolver em atividades em que elas são as protagonistas. Portanto, no que diz respeito à importância do brincar na Educação Infantil, a presente pesquisa argumenta que a liberdade de ser criança está diretamente relacionada às experiências diárias, como o contato com outras pessoas e com os elementos do ambiente ao redor.

A incapacidade de brincar de maneira independente aumenta inevitavelmente o sentimento de dependência da criança com relação ao adulto. Da mesma maneira, a atividade independente permite experimentar autonomia. Decide com o que quer brincar e depende dela mesma continuar experimentando ou abandonar a investigação para escolher outra coisa. Quando se permite que a criança experimente um objeto e tente todas as ações diferentes que pode fazer com ele, ela descobre suas propriedades. Descobre que o mundo tem sentido e também se dá conta de que é capaz de entendê-lo (Kállo; Balog, 2021, p. 18).

Através do brincar, a criança conhece mais sobre si e experimenta o mundo, uma vez que as ações sobre os objetos, a descoberta de si e do outro, a convivência saudável com os pares se dá a partir dessa relação. Além disso, há evidências sobre a relevância do brincar livre e espontâneo, por iniciativa da própria criança. Emmi Pikler (1902-1984), observou que as crianças que brincam livremente e têm a oportunidade de explorar seu ambiente de forma autônoma tendem a sofrer menos acidentes. Ela acreditava que, quando as crianças desenvolvem habilidades motoras, aprendem a regular seu comportamento e tomam decisões dentro de limites seguros, elas são

menos propensas a se envolver em comportamentos impulsivos e arriscados.

Enfatiza-se, também, a importância de criar um ambiente seguro, onde as crianças possam se envolver em brincadeiras autônomas, explorar seu mundo e desenvolver habilidades essenciais para o seu bem-estar. Embora as observações de Emmi Pikler tenham fornecido insights valiosos sobre o desenvolvimento infantil e a prevenção de acidentes, é importante ressaltar que os resultados específicos podem variar dependendo do contexto e das circunstâncias.

Por isso, em consonância com a visão posta acima, o presente trabalho considera que a creche desempenha um papel crucial e deve proporcionar um ambiente enriquecedor e seguro para o brincar das crianças. Dado posto, as experiências lúdicas vivenciadas no espaço coletivo da creche contribuem para o desenvolvimento integral de bebês e crianças pequenas, promovendo assim, o aprendizado, a socialização, a autonomia e o bem-estar emocional.

Nesta discussão, focaremos especialmente nas interações desenvolvidas no espaço da creche, que independentemente do tamanho disponível, os profissionais podem adaptar esses espaços para enriquecer a experiência da criança.

Destarte, podemos inferir que, para que o espaço físico se torne um ambiente seguro e estimulador de experiências, é crucial que o adulto de referência seja reconhecido como uma parte integrante desse processo. É por meio da presença e atuação do adulto que as crianças vivenciam a organização do ambiente. O adulto garante a segurança emocional, pois sua presença tranquilizadora permite que a criança explore o ambiente de forma mais independente, sabendo que há um cuidador próximo para oferecer apoio e proteção quando necessário.

Ainda no que se refere à relação crianças-educadoras, as experiências agradáveis que as crianças experimentam dependem de como o adulto as toca. Ainda segundo Tardos (1992, p. 74), “quando nos ocupamos dele, se for com prazer, ele se sente bem durante a higiene, o banho, enquanto o vestimos e tiramos a sua roupa, fica cada vez mais relaxado”.

A ternura da mão exerce um papel muito importante, da mesma forma que os movimentos que comunicam segurança e que resulta mais agradáveis aos pequenos, coisa que permite a eles a cooperação com o adulto (Tardos, 1992, p. 7).

Todas as questões mencionadas ajudam a criança a desenvolver um senso de confiança e apego seguro, promovendo seu bem-estar emocional que é fundamental,

também, para o ato de brincar (Falk, 2022).

Sendo assim, a escolha do tema sobre o brincar livre no contexto da creche centra-se no encantamento da pesquisadora, a partir de experiências vivenciadas ainda na graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (2016 - 2021) e uma aproximação pessoal com as fundamentações da Abordagem Pikler enquanto estudiosa de um grupo de estudo sobre as infâncias, bem como a escassez e a falta de acesso aos trabalhos relacionados às crianças de creche, uma vez que ainda observamos que esses trabalhos são menos explorados quando comparado à quantidade de pesquisas que abarcam outras idades da Educação Infantil.

Com o fascínio da educadora, durante as vivências de estágio no campo da Educação Infantil, foi possível observar como o brincar influencia diretamente o desenvolvimento das crianças, ajudando-as a explorar e expressar seus desejos e intenções. Foi possível perceber que cada uma desenvolvia seu próprio modo de brincar, influenciado por contextos sociais, culturais e emocionais diversos. Isso levou à conclusão de que não há uma única maneira de brincar ou de ser criança. A experiência em sala de aula confirmou o interesse em pesquisar sobre o tema, uma vez que sempre acreditei profundamente no poder do brincar para o desenvolvimento infantil. Tendo em mente que não era apenas uma atividade lúdica, mas uma forma essencial de aprendizagem, onde as crianças exploraram, experimentaram e entendem o mundo ao seu redor. Em um determinado momento para encorajar o brincar de faz-de-conta transformei um canto da sala em um "mercadinho", com frutas e vegetais de brinquedo, caixas registradoras, dinheiro de mentira e tampinhas que se transformaram em moedas.

Eu tinha a certeza de que um ambiente rico em estímulos poderia inspirar a imaginação das crianças e proporcionar inúmeras oportunidades de aprendizagem. Participei da brincadeira como uma cliente, mas sem interferir muito e observei o quanto um "simples" momento contém tantos significados. Ali as crianças usaram termos matemáticos, sem nem mesmo saber o que significa, usaram elementos linguísticos do dia a dia, foram tantas construções. No final do dia perguntei como foi o brincar de "mercadinho" e eles me responderam com um simples: "foi maravilhoso!".

Assim, nos percursos caminhados, foi prazeroso refletir sobre esses tópicos e indagar questões do tipo: como as crianças brincam? Como elas interagem com seus pares nos momentos de brincadeiras? O adulto de referência reconhece a importância

desse ato? Qual é a concepção do adulto em relação ao brincar? Essas foram algumas questões que motivaram a presente investigação. Atuando como educadora, comecei a me atentar em como as nossas atitudes repercutem nas vivências das crianças. Desse modo, refletindo sobre as minhas práticas educativas, e de outros colegas de trabalho, despertou o interesse em investigar um pouco mais a fundo sobre o processo de brincadeira das crianças e comecei a perceber o quanto temos visões distorcidas sobre as crianças, que muitas vezes impedem a sua exploração. Estamos fadados a achar que elas precisam do adulto o tempo todo, até mesmo para fazer o que elas sabem de melhor, que é brincar.

Apresentadas as justificativas que legitimam a importância de investigar o brincar livre, este estudo, por sua vez, se baseia na seguinte pergunta: “como a educadora concebe e inclui o brincar livre na sua prática pedagógica?” Neste sentido, elegemos como objetivo geral da pesquisa: compreender a percepção e a postura da educadora sobre o brincar livre e a repercussão disso na atividade autônoma de crianças de 2 anos no espaço coletivo da creche. E como objetivos específicos, destacam: 1) Identificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica da educadora e como ela o concebe; 2) Investigar quais são as configurações do brincar livre das crianças considerando as atitudes da educadora; 3) Analisar as possíveis atitudes da educadora em relação ao brincar livre das crianças.

Nesta dissertação, do início ao fim, consideramos a criança como um ser capaz desde o nascimento. Pensando nisso, buscou-se problematizar como as crianças brincam, se elas são realmente livres para fazerem suas próprias escolhas e construir suas próprias brincadeiras.

Para compreender como as pesquisas abordam o tema e justificar a relevância deste trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico abrangendo produções relacionadas ao mesmo tópico. Limitamos a busca ao período de dez anos, entre 2013 e 2023, e incluímos produções de diversas áreas. Foram utilizados os seguintes descritores: brincar livre e brincar livre na creche. Para realização deste levantamento, utilizamos as bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO).

O primeiro acervo pesquisado foi a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Utilizando o descritor “brincar livre na creche”, foi identificado um total de 28 trabalhos. Após revisar os títulos, percebeu-se que muitos não estavam diretamente

relacionados ao tema abordado, pois discutiam a construção do conhecimento sobre o brincar, em vez de focar no brincar livre propriamente dito. Após ler os resumos das produções, três trabalhos foram selecionados para uma análise sistemática, por serem os mais relevantes para nossa pesquisa. Assim, constatou-se que, com base no descritor escolhido, trabalhos sobre essa temática são relativamente raros.

Além disso, também foi realizada buscas na plataforma de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e 30 produções utilizando o descritor “brincar livre na creche” foram encontradas. No entanto, apenas 3 dessas produções estavam disponíveis para acesso aberto. Após ler os títulos, foi percebido que esses trabalhos estavam mais alinhados com nossa pesquisa. Em seguida, foi feita a leitura dos resumos dessas três produções para avaliar sua relevância para o nosso estudo. No acervo da Scientific Electronic Library Online (SCIELO) foi encontrado um total de 13 trabalhos com o descritor “brincar livre”, no idioma português. Fazendo a leitura dos títulos percebemos que muitos dos trabalhos se relacionam à área da saúde. Após a leitura dos resumos, 2 trabalhos foram selecionados pois foram os que mais se aproximaram da temática.

Em suma, a partir da consulta de todos os acervos citados acima, 9 trabalhos foram considerados para a pesquisa, entre dissertações, tese e artigos que se relacionam diretamente com o tema proposto, seja pela semelhança na metodologia ou no referencial teórico. A leitura dos trabalhos nos ajudou a entender melhor a temática e a estabelecer conexões com estudos anteriores. Observamos que foram encontrados poucos trabalhos, com escassa discussão sobre o brincar livre, especialmente no contexto da creche. Isso indica uma carência de pesquisas adicionais que abordem mais profundamente esse tema.

Iremos, agora, discorrer brevemente sobre os trabalhos citados acima. Oliveira (2019) investiga a brincadeira dos bebês em um contexto coletivo em uma creche municipal de São Bernardo do Campo, com enfoque na definição do brincar como ação primordial dos bebês. Esse estudo busca entender como as brincadeiras são integradas no currículo da educação infantil, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010). A pesquisa baseia-se em pedagogias participativas e modelos pedagógicos de qualidade em creches, incluindo as pedagogias de Goldschmied e Jackson, Pikler, Kishimoto e Rossetti-Ferreira. Esses modelos são ajustados para atender às necessidades dos bebês e crianças pequenas, permitindo ressignificações individuais e coletivas. A autora destaca a necessidade de

formação específica para profissionais que trabalham com bebês, enfatizando o brincar como uma linguagem infantil essencial no currículo da educação infantil. A pesquisa também ressalta a importância de proporcionar ambientes de brincadeira e interação nos berçários, mesmo que isso não esteja explicitamente indicado no projeto político-pedagógico da creche. Oliveira (2019) conclui que,

a prática do brincar é essencial para o desenvolvimento dos bebês e as educadoras desempenham um papel fundamental na promoção e integração dessas práticas nos ambientes de creche. A formação contínua e a reflexão sobre as práticas pedagógicas são cruciais para garantir a qualidade da educação infantil (Oliveira, 2019).

Barboza (2021) destaca a importância de um ambiente coletivo na formação humana dos bebês e a necessidade de práticas pedagógicas documentadas e reflexivas. O estudo sugere que a documentação não é apenas uma memória do que aconteceu, mas um processo que possibilita compreender e melhorar a prática educativa. A pesquisa enfoca a interação e as narrativas das crianças e educadoras, analisando como essas experiências contribuem para a humanização dos bebês.

A autora afirma que os bebês desenvolvem suas habilidades e conhecimentos por meio de interações diárias com educadores e outros bebês, e que o processo de formação humana dos bebês é construído pelo ambiente coletivo e pelas práticas pedagógicas observadas. Essa tese contribui para a compreensão do desenvolvimento dos bebês em contextos coletivos e destaca a importância da documentação e da reflexão contínua sobre as práticas pedagógicas.

Cabral (2013) procurou entender o conceito de brincar para professores, alunos e pais de uma creche municipal localizada em Campina Grande/PB. O trabalho observou que o brincar é um elemento fundamental na creche e pode ocorrer de forma livre e espontânea ou pode ser dirigido. A autora destacou a importância das educadoras, que, ao intervir nas brincadeiras, o fazem para criar condições que favoreçam a ocorrência dessas atividades.

A falta de compreensão das necessidades brincantes das crianças na Educação Infantil e conseqüentemente vivências que promovam o seu desenvolvimento, gera a produção de brincadeiras repetitivas e disciplinadoras, desperdiçando a oportunidade de desafiar as crianças para novos conhecimentos (Cabral, 2013).

O fragmento acima traz uma reflexão importante para o trabalho, mostrando o quanto as brincadeiras precisam estar presentes nas experiências das crianças, pois elas são expressões de vida que trazem aspectos socializadores, afetivos e culturais. O

estudo nos mostra, enquanto resultado que para o brincar seja uma vivência positiva e o seu valor potencial seja reconhecido, algumas condições precisam ser satisfeitas, como a organização de um espaço desafiador para as vivências. Para isso, a autora conclui que as creches precisam compreender como devem ser desempenhados os papéis de mediadores e observadores mediante as brincadeiras dos alunos (Piccinini *et al.*, 2017).

Segundo Sousa *et al.* (2018), a partir do brincar livre, observado em uma creche Municipal no estado do Pará, as crianças estabelecem possíveis relações de gênero e manuseiam artefatos seguindo um padrão culturalmente imposto sobre o que é de menina e o que é de menino. Os autores mostram que a brincadeira é um espaço rico para discutir sobre a equidade de gênero, porém ainda encontra muitas amarras históricas da sociedade sobre o que é brincar e também sobre essas questões de gênero. A pesquisa conclui que é preciso propostas pedagógicas que busquem mediações possíveis entre as novas perspectivas acerca do gênero na Educação Infantil.

Para Fochi *et al.* (2017) é importante entender e destacar alguns pressupostos a serem observados na organização de vida coletiva dos bebês. Para os autores, o brincar é fundamental na vida dos bebês, pois é por meio dele que é construída toda a base para a sua futura aprendizagem. O propósito do artigo é destacar os principais aspectos da pedagogia na creche. Os autores abordam uma “pedagogia construída a partir dos detalhes, muitos dos quais são difíceis de traduzir”. O artigo afirma que considerar aspectos importantes do cotidiano, compreender o valor do movimento livre e das atividades autônomas realizadas pelas crianças, e reconhecer a intensidade e a riqueza das brincadeiras livres são fundamentais não apenas para a qualidade das instituições, mas também para a formação dos educadores.

Nogueira e Garcia (2016) apresentam uma pesquisa sobre a qualidade do espaço de brincar, dos brinquedos e brincadeiras de bebês entre 1 e 2 anos de um Centro de Educação Infantil (CEI) na cidade de São Paulo. A pesquisa buscou entender a brincadeira livre das crianças a partir da perspectiva de que os bebês são agentes e construtores de cultura, criativos e expressivos. As autoras retratam o brincar como uma forma de expressão que deve ser encorajada e estimulada. No entanto, observaram que, na prática, o brincar não ocorria de maneira verdadeiramente livre e que as educadoras não organizavam o ambiente adequadamente, resultando em brincadeiras empobrecidas. Por fim, as autoras afirmam que,

Há que se construir um sistema de autofuncionamento em que juntos, educadores e crianças vivam a brincadeira como um momento de aprendizagem, aprimoramento na construção de cenários, com mudanças permanentes. A mediação do adulto se mostra cada vez mais necessário e cada vez mais é preciso assumir seu papel junto ao brincar livre infantil (Nogueira; Garcia, 2016).

O artigo de Meireles *et al.* (2022) investiga como o brincar livre e espontâneo de crianças se adaptou durante o isolamento social causado pela pandemia da COVID-19. A pesquisa conduzida de maneira remota com 55 famílias, utilizou uma abordagem fenomenológica para entender a experiência das crianças brincando dentro de casa. O estudo destaca que o brincar dentro de casa, embora comum em outros momentos, foi influenciado por tempos mais amplos e menos restrições a objetos e cômodos durante o isolamento. Os autores concluíram que o espaço, os materiais e o tempo são essenciais para a qualidade do brincar livre e espontâneo, sugerindo que essas variáveis devem ser consideradas tanto em ambientes escolares quanto em atividades físicas e de lazer.

Tiriba *et al.* (2023) aborda em seu estudo sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na etapa da Educação Infantil e discorre, especialmente quanto às relações entre seres humanos e natureza. O estudo argumenta que a BNCC desconsidera a condição biofílica das crianças, refletindo uma visão de mundo moderna, cosmofóbica, antropocêntrica, racionalista, individualista, adultocêntrica e colonialista. Utilizando referências teóricas de filosofias ocidentais não hegemônicas e neurobiologia, o artigo alinha-se com epistemologias nativas que veem o ser humano como um ente orgânico-cultural interconectado com outros seres e fenômenos. As análises desafiam a formulação de pedagogias que respondam à emergência planetária e integrem saberes de povos originários e tradicionais, enfatizando a necessidade de um currículo que promova uma relação mais integrada e respeitosa com a natureza. A pesquisa também defende que o brincar livre é uma expressão do corpo; assim, permitir o brincar é acreditar na potencialidade desse corpo e deixá-lo ser quem ele realmente é.

Após o mapeamento e a leitura dos trabalhos citados acima, notou-se que todas as produções se relacionam diretamente com o estudo desta dissertação, uma vez que as discussões, embora algumas não se aprofundem no tema do brincar livre, são baseadas na compreensão de que os bebês são livres e autônomos e que as creches e os adultos que nelas atuam são partes fundamentais para a construção de uma pedagogia

afetiva e acolhedora. Notamos também que os trabalhos, em sua grande maioria, não diferenciam as dimensões cognitivas e afetivas e reconhecem a importância de um ambiente bem-organizado que tenha o foco em possibilitar experiências para as crianças.

Por fim, a dissertação está organizada da seguinte forma: (i) O próximo capítulo abordará a fundamentação teórica, dividida em seis seções. A primeira seção abordará discussões sobre quem são os bebês, a importância dos primeiros anos de vida e os principais aspectos do desenvolvimento humano nesse período. A segunda seção destaca o papel da creche, com foco em perspectivas teóricas e estudos sobre o neurodesenvolvimento, ressaltando a relevância dos ambientes construídos para o desenvolvimento das experiências dos bebês. Na terceira seção será realizada uma análise dos profissionais que atuam na creche e a importância desse adulto no brincar livre dos bebês, destacando a relevância da integração entre cuidar e educar nos primeiros anos. Na quarta seção serão apresentados os conceitos de brincar e brincadeira na perspectiva de teóricos do desenvolvimento. A quinta seção aborda sobre Emmi Pikler e sua abordagem da “pedagogia dos detalhes”, desenvolvida em um instituto para crianças órfãs da capital de Budapeste que ganhou destaque pelos elementos de cuidado e educação de crianças bem pequenas a partir da construção de relações saudáveis e afetuosas.

Em seguida, o trabalho apresentará uma revisão dos estudos sobre o brincar livre e os espaços de brincar. (ii) O terceiro capítulo irá apresentar o delineamento metodológico da pesquisa que tem a finalidade de resgatar os seus objetivos (geral e específicos) e apresentar os participantes da pesquisa, o contexto no qual a mesma deverá ocorrer, bem como, o método de abordagem e procedimento e os instrumentos que foram utilizados no processo de coleta. Além disso, ainda como parte da metodologia serão apresentadas algumas considerações sobre a ética na pesquisa e, por fim, o último capítulo tratará da análise dos dados e os resultados encontrados.

A seguir, apresentaremos a fundamentação teórica que dará respaldo a esta pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

---

*“Quando as crianças brincam e eu as ouço brincar, qualquer coisa em minha alma começa a se alegrar. E toda aquela infância que não tive me vem, numa onda de alegria que não foi de ninguém. Se quem fui é enigma, e quem serei visão, quem sou ao menos sinto isto no coração.” (Fernando Pessoa).*

---

### 2.1 AS CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Do excerto acima dou início ao referencial teórico que me acompanhará na escrita da dissertação, não por acaso, mas na condição de infância brincante que não tive e de educadora/pesquisadora que se encontra de alma alegre ao ouvir crianças a brincar. Nesse sentido, entendo que qualquer que seja a intenção de uma pesquisa sobre a experiência educativa é preciso situar um contexto. Assim, com este capítulo, pretendemos apresentar a partir de que perspectiva iremos pensar a criança de 2 anos, os quais serão protagonistas, junto com a educadora, da presente investigação. A pesquisa entende que a idade das crianças pode variar dependendo do contexto e da área de estudo. Alguns eixos, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Pediatria, consideram que o bebê tem a idade de 1 mês a 2 anos de vida, porém a Educação infantil, de acordo com a BNCC, considera que a partir de 2 anos já são crianças. Estas definições são utilizadas para adaptar cuidados, intervenções e políticas às necessidades específicas de cada faixa etária, reconhecendo as diferentes etapas de desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social (Magalhães; Rodrigues, 2018).

Visto que as crianças presentes na pesquisa possuem a idade de 2 anos e algumas já estão caminhando para a idade dos 3, articularemos uma visão sobre crianças bem pequenas presentes nas discussões da abordagem Pikler para retratar crianças de até 3 anos de vida, segundo as visões das estudiosas da abordagem, como Falk (2022) e Soares (2020). A partir disso, teremos uma perspectiva sobre a

importância de um ambiente saudável para o desenvolvimento integral.

Quem são essas crianças e o que conhecemos sobre elas? Essa é uma das questões que iremos apresentar enquanto concepção que consiste em sua condição de pessoa, uma vez que a criança bem pequena já é mesmo antes de nascer. Na concepção biológica, Urie Bronfenbrenner (1917-2005), conhecido por sua teoria dos sistemas ecológicos, enfoca a influência de vários sistemas ambientais sobre o desenvolvimento humano e acreditava na teoria específica sobre a vida intrauterina e que seus princípios gerais podem ser aplicados a essa fase do desenvolvimento, pois é a partir das primeiras experiências de cuidado, afeto e satisfação das necessidades básicas que ocorre o desenvolvimento saudável. Acredita-se que os estímulos e influências emocionais que a mãe experimenta durante a gravidez podem afetar o bebê, já que eles compartilham um ambiente interno (Brandão, 2022).

Porém, a vida intrauterina não é isolada. Essa relação inicial permite ao bebê se sentir seguro e confiante para explorar o mundo fora de sua bolha. Desse modo, “podemos perceber que desde o início o bebê é uma pessoa, porém ele não existe fora de um contexto seja social, econômico, geográfico ou cultural” (Nascimento; Arruda, 2019, p. 23).

A concepção da neurociência diz que o ser humano se desenvolve saudavelmente quando ocorrem conexões neurais que potencializam suas experiências, isso acontece desde o desenvolvimento embrionário no processo de formação dos primeiros neurônios. Nos primeiros anos de vida surgem as sinapses neurais que são responsáveis pelo aprendizado, memória, controle motor, processamento sensorial, regulação das emoções, dentre outras. Por isso, pesquisas científicas evidenciam que a primeira infância é o momento mais significativo da experiência humana. Um artigo produzido pela "*National Scientific Council On The Developing Child*", traduzido por Ribeiro e Harkin (2020) e publicado pelo Núcleo Ciência Pela Infância relata que as relações iniciais desempenham um papel interconectado no desenvolvimento fisiológico da criança. Ambientes enriquecedores, apoio emocional e práticas de cuidado adequadas contribuem para o florescimento saudável dos sistemas fisiológicos durante os primeiros anos de vida. Assim:

As experiências que temos no início da vida são tão importantes para os fundamentos biológicos da saúde física e mental quanto às escolhas de estilo de vida que fazemos quando adultos (NCPI, 2014).

Ainda discutindo sobre o desenvolvimento humano, de acordo com Iza e Mello

(2009), Vygotsky diz que o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais e da cultura em que a criança está inserida. Sendo assim, a criança é vista como um ser ativo, que constrói seu conhecimento e desenvolvimento por meio das interações com outras pessoas e com o ambiente. É através desse processo de interação com os outros membros da cultura que a criança adquire ferramentas cognitivas, linguísticas e sociais para se desenvolver, onde o adulto desempenha um papel importante, atuando como um mediador no processo, oferecendo suporte e desafios adequados ao desenvolvimento da criança. Por meio das brincadeiras, jogos e atividades lúdicas, a criança se apropria de papéis sociais, regras, valores e habilidades cognitivas.

O brincar é considerado uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, pois permite a experimentação, a criatividade e a construção de significados. Assim como afirmam Texeira e Volpini (2014),

“Brincar é fundamental e faz com que as crianças criem conceitos, ideias, em que se possam construir, explorar e reinventar os saberes. Refletem sobre sua realidade e a cultura em que vivem” (Teixeira; Volpini, 2014, p. 77).

Também, entender quem são essas crianças envolve reconhecer suas características, necessidades e potencialidades. Nos primeiros meses de vida, estão especialmente focados em conhecer e compreender seu próprio corpo e suas sensações. À medida que crescem, começam a explorar objetos, a entender relações de causa e efeito, a reconhecer pessoas e a compreender conceitos básicos, como permanência de objeto (saber que algo existe mesmo quando não está visível) (Falk, 2021).

Além disso, as crianças bem pequenas estão em constante interação com suas emoções e com o ambiente emocional em que estão inseridas. Elas experimentam uma ampla gama de emoções, desde o prazer e a alegria até o desconforto e o choro. De acordo com Soares (2020), o desenvolvimento emocional é influenciado pelas interações afetivas com os cuidadores, que desempenham um papel essencial no estabelecimento de um vínculo seguro e na promoção do bem-estar emocional e também, desde os primeiros momentos de vida, demonstram uma predisposição para a interação social.

O vínculo afetivo com os cuidadores é crucial para o desenvolvimento social saudável das crianças, pois através dessas relações elas aprendem a se relacionar, a se comunicar e a compreender as dinâmicas sociais. Há as necessidades básicas que

precisam ser atendidas para seu bem-estar e desenvolvimento adequado. Isso inclui alimentação adequada, sono regular, higiene, segurança e afeto. Os cuidadores desempenham um papel fundamental em satisfazer essas necessidades e em criar um ambiente acolhedor e seguro.

Tendo o adulto um papel tão primordial, a concepção sociocultural nos lembra da importância da interação social, já que as crianças são vistas como seres sociais desde o nascimento, aprendendo e se desenvolvendo através de interações com outros humanos. Assim, a creche desempenha um papel fundamental, uma vez que é lá que as primeiras interações acontecem, longe do seio materno. Winnicott (2019) *apud* Brandão (2020, p. 25) retrata as escolas maternas como:

Um espaço onde as crianças podem se desenvolver sem que percam sua individualidade, o que é possível através do cuidado, do afeto e do estímulo aos quais as crianças são expostas nesses ambientes. É preciso respeitar o tempo para que se adaptem tanto ao espaço quanto às pessoas que ali se encontram para dar espaço a novas relações (Brandão, 2020, p. 25).

É importante ressaltar que o cuidado com as crianças nas creches não se limita apenas aos aspectos físicos, mas também inclui uma atenção especial à dimensão psíquica, ou seja, ao desenvolvimento emocional, uma vez que isso é fundamental para o bem-estar global e desenvolvimento saudável dos pequenos.

Embora os documentos legais não tragam uma concepção específica sobre as crianças de creche, é de total relevância lembrar que elas são titulares de direitos, incluindo o direito à sobrevivência, ao desenvolvimento e à proteção. Essas conquistas foram alcançadas a partir da Constituição de 1988 (Brasil, 1988), e, após isso, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e da LDB nº 9.394/96 (Brasil, 1990; 1996; Magalhães; Rodrigues, 2018). As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), enfatizam a garantia dos direitos das crianças desde o nascimento e têm como base princípios de respeito à dignidade, aos direitos, à diversidade e à inclusão. Trazemos essa questão, pois, por muito tempo, essas crianças não eram notadas, mas com o avanço das concepções do que é ser criança nos diferentes contextos, elas conquistaram espaço e conseguiram que fossem consideradas questões que atendessem suas necessidades.

Sendo um sujeito de direitos, é fundamental pensar que uma criança bem pequena, embora seja dependente, é capaz de explorar e de se comunicar. Mesmo que algumas delas ainda não dominem a oralidade, existem muitas maneiras de se comunicar (gestos, balbucios, olhares etc.), sendo imprescindível a sensibilidade do

adulto. Portanto, é partindo dessa afirmativa que a seguinte pesquisa dá continuidade, nos próximos tópicos, sobre um olhar ampliado para a qualidade dos espaços, principalmente no contexto da creche, que podem contribuir significativamente para promover uma base sólida para o crescimento emocional e social das crianças.

## 2.2 A CRECHE: ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO

De acordo com Fochi (2013), pesquisador e professor brasileiro que se dedica ao estudo da educação infantil e da formação de professores, é essencial que a creche seja um ambiente que proporcione cuidado, afeto e estímulos para as crianças. Isso significa que os cuidadores devem estar atentos às necessidades individuais de cada criança, oferecendo alimentação adequada, higiene, sono, e também interações afetuosas e atividades educativas. Além disso, o autor destaca a importância da creche como espaço de socialização e aprendizado, onde as crianças podem conviver com outras crianças e adultos, experimentar novas situações e desenvolver habilidades sociais e emocionais. Ele defende que a creche deve ser um ambiente que favoreça a expressão e a autonomia da criança, estimulando sua criatividade e curiosidade.

Assim, a creche deve ser vista como um espaço de formação para os profissionais que atuam na educação infantil. Os cuidadores devem ser valorizados e capacitados para oferecer um atendimento de qualidade às crianças, garantindo assim o seu desenvolvimento saudável e pleno.

Ao longo dos tempos, a escola de Educação Infantil vem apresentando diversas configurações de socialização, aprendizagem e cuidados e isso tudo resulta do fato de que nas últimas décadas a sociedade vem se voltando para discutir questões acerca das crianças em contextos de vida coletiva. Por essa razão começa um importante movimento de famílias que consideram a importância de iniciar, quanto mais cedo, a vida coletiva das crianças - seja por fatores econômicos, sociais ou estruturais - e também, de órgãos públicos que se movimentam em prol de ofertar mais vagas em creches e garantir uma melhor estadia para os pequenos (Fochi, 2013).

Desse modo, ao se tratar de crianças com idade menor de três anos, nota-se que o acesso destas à escola vem se tornando cada vez maior, o que influenciou em diversas questões de infraestrutura e perfil de profissionais que, passaram a se

perguntar: como essas crianças viverão longe de suas famílias, como elas se relacionam, como aprendem e como os espaços devem ser organizados? Pensando nisso, no curso da história, as creches passaram a se planejar de uma maneira melhor para atender e se relacionar com esses sujeitos.

No Brasil, as creches tiveram início no final do século XIX, com a criação de instituições de caridade que abrigavam crianças abandonadas ou em situação de risco. No entanto, essas instituições não tinham um caráter educativo, e a maior parte do atendimento era voltada para o cuidado e proteção da criança (Machado, 2005).

Com a promulgação da Constituição Federal, a educação infantil foi reconhecida como um direito da criança e dever do Estado, ainda que não muito bem aplicada, agora a lei garante que a criança deve ser reconhecida como sujeito de direito e então passa a ser obrigação do poder público reconhecer esse direito, assim como afirma o artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à 27 alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988).

Em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a educação infantil foi integrada ao sistema educacional brasileiro como a primeira etapa da educação básica. A partir de então, as creches passaram a ser regulamentadas por leis específicas e a receber recursos financeiros para sua manutenção. Atualmente, as creches no Brasil são responsáveis por atender crianças de 0 a 3 anos de idade, oferecendo cuidados e educação em tempo integral ou parcial. Há uma série de diretrizes e normas que regulamentam o funcionamento das creches, visando garantir a qualidade do atendimento e a segurança das crianças (Brasil, 1996).

No entanto, ainda há muitos desafios a serem enfrentados para garantir o acesso universal à educação infantil de qualidade no Brasil, como a ampliação da oferta de vagas, a formação adequada dos profissionais que atuam na área e a melhoria das condições de trabalho e salário dos cuidadores.

A partir disso, a pesquisa em questão se propõe em ressaltar de que maneira o brincar livre pode ser assegurado para as crianças a partir de uma relação afetiva segura, assim como entender como as primeiras experiências podem ser significativas no contexto escolar. Além disso, reconhece a importância do ambiente no processo de

desenvolvimento infantil, uma vez que "desde o período pré-natal a experiência pode influenciar no desenvolvimento do sistema nervoso", considerando que muitos bebês passam a maior parte do tempo na creche (Lyra *et al.*, 2017).

Os espaços coletivos para crianças desempenham um papel fundamental no neurodesenvolvimento das crianças, pois são ambientes que oferecem uma série de estímulos sensoriais, sociais e cognitivos que contribuem para o desenvolvimento do cérebro infantil. Assim como afirmam Craidy e Kaercher (2012), um ambiente escolar rico em estímulos e experiências diversificadas pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades como a coordenação motora, a percepção visual e espacial, a memória, a atenção e a linguagem, além de promover o desenvolvimento socioemocional e a interação social entre as crianças.

Além disso, os espaços escolares também podem ser planejados e organizados de forma a estimular a curiosidade e a criatividade das crianças, incentivando a exploração e a descoberta de novos conhecimentos, e favorecendo o aprendizado de forma lúdica e prazerosa. Por isso, é importante ressaltar que a qualidade dos espaços pode impactar diretamente no desenvolvimento integral das crianças, e que a falta de investimento em infraestrutura e equipamentos pode comprometer o processo educacional e o desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais das crianças.

Partindo desse ideal, Craidy e Kaercher (2012, p.7 3) afirmam que o espaço físico “ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais”, uma vez que as percepções das crianças começam a descentralizar e romper as fronteiras do eu e não-eu. Portanto, investir em ambientes adequados e bem planejados é fundamental para que as interações aconteçam de forma saudável.

Donald Winnicott (1896-1971) foi um psicanalista britânico que se dedicou ao estudo do desenvolvimento infantil e da relação mãe-bebê. Em seus escritos, ele enfatizou a importância dos espaços e das interações para o desenvolvimento psíquico saudável das crianças. Winnicott (2019) faz diversos relatos de crianças que passaram por ele enquanto ainda atendia em clínicas. Um de seus conceitos, refere-se à ideia, de um "espaço potencial" entre a criança e o cuidador, que é um espaço intermediário de transição entre o mundo interno e o mundo externo da criança. Esse espaço é criado pelas interações afetivas e pelo ambiente de cuidado oferecido pelo cuidador, e é fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autoestima da criança.

Ainda segundo Winnicott (2019), o ambiente é fundamental para o

desenvolvimento dos bebês, uma vez que, gradativamente, ocorre a separação entre o eu e o não eu e a qualidade desse processo depende das relações que o bebê faz com seu ambiente, portanto ele precisa ser seguro.

As principais mudanças acontecem com a separação da mãe como característica ambiental objetivamente percebida. Se ninguém está presente para ser a mãe, a tarefa de desenvolvimento do bebê se torna infinitamente mais complicada (Winnicott, 2019, p. 178).

Nesse sentido, destacamos também a importância dos espaços de interações para o desenvolvimento psíquico saudável das crianças, tendo como um ambiente seguro e acolhedor para a promoção da identidade, da autonomia e do bem-estar emocional das crianças. Por conseguinte, é primordial que o ambiente educacional e familiar seja rico em oportunidades desde o início da vida do bebê, além de um contexto afetivo em que a criança se sinta segura ao realizar suas atividades.

Vale ressaltar que ambiente rico em oportunidades diz respeito à "diversidade do material que põe à disposição, segundo as preferências e as variadas possibilidades de experimentação correspondentes à etapa de desenvolvimento" (Falk, 2022, p. 40) e não um ambiente cheio de informações que levam a confusão da criança e faça com que ela se perca de si mesma nas suas descobertas.

Winnicott (2019) também destacou a importância do brincar livre na infância como uma forma de criar espaços de interação e de desenvolver a criatividade, a autonomia e a capacidade de lidar com emoções e conflitos internos. O brincar é uma atividade espontânea e livre, que permite à criança explorar o mundo de forma imaginativa e simbólica, experimentar novas sensações e vivenciar diferentes papéis e emoções. Além disso, enfatizou a importância de os cuidadores oferecerem um ambiente seguro e acolhedor para a criança, que permita a ela explorar e experimentar sem medo de punição ou rejeição. Portanto, os cuidadores devem estar disponíveis e sensíveis às necessidades da criança, oferecendo apoio e afeto quando necessário, mas também permitindo à criança lidar com os desafios e frustrações do mundo de forma gradual e progressiva.

Levando em consideração aspectos relacionados ao bom desenvolvimento da criança menor de três anos, estudos como o de Lyra *et al.* (2017) apontam que nessa fase da vida é crucial que a criança esteja em um ambiente acolhedor, envolvida de afeto. Portanto, sabendo que o acesso à creche é um direito das crianças e que geralmente é nesse ambiente que elas passarão boa parte do seu dia, é fundamental

pensar no papel dos profissionais que lidam com elas, já que é nesse momento em que se separam da mãe e iniciam sua vida em uma instituição educacional. O bem-estar das crianças bem pequenas depende de uma série de fatores, um deles é a maneira de como o adulto as tocam, então, a respeito dessa questão, assim como anuncia Anna Tardos no texto "a mão da educadora" afirma que:

As experiências agradáveis adquiridas durante o tempo que passaram juntos enriquecem e diversificam as relações entre a criança e o adulto: fazem com que elas sejam cada vez mais estreitas, enquanto as experiências desagradáveis perturbam a criança, provocam ansiedade e desconfiança em relação ao adulto (Falk, 2022, p. 68).

Pode-se dizer, dentre outros aspectos, que a relação de confiança que o bebê cria com o adulto é o principal fator que poderá influenciar toda a vida escolar da criança, sobretudo no momento de inserção ao ambiente educacional. "A mão do adulto é, para a criança, uma importante fonte de experiências" (Falk, 2022, p. 75). Para que surjam competências emocionais, sociais e psicológicas, é preciso que se estabeleçam relações sociais com pessoas significativas para a criança e que essas pessoas se responsabilizem pelo seu cuidado e proteção. Dessa forma, em concordância com Judit Falk, Soares (2020, p. 24) cita que,

O vínculo estável e contínuo com o número reduzido de pessoas bem conhecidas e a relação privilegiada com o adulto permanente são condições fundamentais da saúde mental e do sucesso da socialização primária na primeira infância (Soares, 2020, p. 24).

A citação acima faz referência a um debate muito importante e já mencionado ao longo deste capítulo, que é a relação entre o adulto cuidador e a criança. Entretanto, faz-se necessário também destacar as discussões acerca do espaço da creche, principalmente no que diz respeito à estabilidade de profissionais que atuam nessa área. Quando a criança vai para uma instituição educacional, ela está tendo que aprender a lidar com o rompimento do laço entre ela e sua mãe/família. Então, o que se espera é encontrar algo que a acolha e que a faça sentir-se tão confortável quanto em casa. Se na instituição há uma troca constante de profissionais, com quem será criado esse vínculo tão importante para o início da vida da criança na instituição?

Portanto, estudos recomendam, bem como Soares (2020) nos explicita, que os profissionais sejam fixos para que os vínculos afetivos sejam construídos e aprofundados. Oliveira (2019) enfatiza a importância da formação adequada dos profissionais que atuam nas creches. A autora afirma que a qualidade do atendimento

está diretamente ligada à qualificação e à formação continuada dos educadores.

Até aqui, vimos que os processos de desenvolvimento e aprendizagem da infância ocorrem nas relações estabelecidas desde o nascimento, iniciando com o seio familiar e, depois, com cuidadores e professores, com outras crianças e com todos os sujeitos da comunidade na qual está inserida. Ademais, um somatório de processos cerebrais acontece ao longo dos primeiros anos de vida e a estrutura do cérebro vai se modificando conforme as experiências vividas, resultando no desenvolvimento neurológico capaz de permitir que a criança adquira novas capacidades ao longo de seu desenvolvimento desde emitir os primeiros sons até falar, aprimorar o controle da motricidade, sentar, engatinhar, ficar em pé e caminhar (NCPI, 2014).

No mais, espaços coletivos de crianças como a creche, quando são oferecidos com qualidade, têm efeitos positivos no desenvolvimento. Evidências empíricas mostram que as experiências vividas na Educação Infantil têm um resultado positivo para o desenvolvimento futuro e bem-estar (NCPI, 2014). Entretanto, os impactos positivos da Educação Infantil estão condicionados à qualidade da intervenção oferecida. Essa qualidade está presente em fatores como: profissionais sensíveis e atentos às necessidades da criança e engajados em promover o desenvolvimento infantil integral, além de uma infraestrutura segura e capaz de promover possibilidades de movimento e materiais adequados para a exploração.

Após nos debruçarmos sobre o tema da creche, a próxima seção irá apresentar os profissionais que atuam nela e a importância deles para o cuidar e educar crianças tão pequenas.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM CRECHE

Ao longo do curso da história dos professores de creche houve uma trajetória de crescente reconhecimento da importância da educação infantil e da profissionalização dos educadores. Desde as primeiras iniciativas assistencialistas até a moderna abordagem pedagógica centrada na criança, esses profissionais passaram por um processo de constante valorização e aprimoramento, mesmo que, ainda hoje, não haja tanto reconhecimento.

Arce (2001) critica o discurso de Rousseau, destacando que a mulher é vista como um ser "sagrado", com a capacidade de carregar o bebê no útero e depois amamentá-lo, e que esse seria um sentimento natural de amor e cuidado pela criança.

Essa perspectiva contribuiu, por longos anos, com a ideia reducionista de que para ensinar crianças pequenas, basta gostar delas, como se fosse uma vocação ou uma predisposição natural da mulher. Isso reforça a separação entre a prática e a teoria e subestima a importância da formação teórica no trabalho com os pequenos.

Apenas em meados da década de 1980 e 1990 que governos começam a implementar políticas públicas voltadas para a educação infantil, e a profissão de educador de creche começa a ser regulamentada em vários países, com a criação de cursos técnicos e superiores específicos para a educação infantil (Bertoncelli; Conceição, 2017).

Inicialmente, a formação de professores não tratava a educação infantil como uma categoria essencial, por terem a ideia de que não necessitavam de qualificação para cuidar de crianças pequenas. Segundo Saviani (2009), o curso de Pedagogia surgiu como resposta à necessidade de formar profissionais qualificados para atuar na educação, refletindo mudanças sociais, políticas e educacionais ao longo do tempo.

O avanço tecnológico e as mudanças sociais e econômicas trouxeram novas demandas para a educação, influenciando a formação dos pedagogos. A importância da formação continuada e do desenvolvimento profissional dos educadores é cada vez mais reconhecida, com a inclusão de novas metodologias e práticas pedagógicas.

Para que os profissionais de creche desempenhem com excelência suas funções, é essencial que tenham uma formação contínua e qualificada. Segundo Oliveira (2019), os profissionais precisam refletir sobre suas práticas cotidianas e, a partir dessas reflexões, aprimorar constantemente suas abordagens. Em uma creche, onde as necessidades das crianças são dinâmicas e diversas, a capacidade do profissional de adaptar suas ações, com sensibilidade e intencionalidade pedagógica, é essencial.

De acordo com André e Silva (2018), a perspectiva sobre a educação dialógica tem muito a contribuir para a atuação dos profissionais de creche, pois o processo de ensino-aprendizagem é construído por meio do diálogo entre educadores e educandos. No ambiente da creche, esse diálogo não é apenas verbal, mas também se dá através da escuta sensível às múltiplas linguagens das crianças, como o corpo, as expressões faciais, os gestos e os sons. Os educadores têm a responsabilidade de observar atentamente, escutar e compreender os sinais das crianças, respeitando seus tempos e ritmos.

Para isso, o trabalho em creche exige uma visão ética, para que o educador atue

de maneira a promover a liberdade, o respeito e a dignidade das crianças. Isso significa que o profissional não é apenas um executor de tarefas, mas alguém que precisa ter uma compreensão profunda do que significa cuidar e educar. Assim, podemos inferir que o educador assume o papel de mediador e facilitador, apoiando a aprendizagem e o desenvolvimento através da observação atenta, intervenções adequadas e criação de um ambiente rico em oportunidades de exploração. Pensando nisso, o cuidar e educar são processos indissociáveis, onde o cuidado físico e emocional se entrelaça com o processo educativo. Essa integração reconhece que o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças está interligado (Oliveira 2019).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) do Brasil estabelecem a integração entre os processos de cuidar e educar como um dos princípios fundamentais para a educação infantil. Esse princípio está embasado no reconhecimento de que o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 5 anos requer uma abordagem que contemple tanto o cuidado físico e emocional quanto a promoção do aprendizado e da socialização e afirma:

Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas etc.) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças (DCNEI, 2009, p. 10).

Ainda de acordo com as DCNEI (2009), os profissionais da educação infantil devem ter uma formação que os prepare para compreender e implementar a integração entre cuidar e educar. Isso inclui conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, planejamento pedagógico e práticas de cuidado.

A atuação dos educadores deve ser pautada pelo respeito às singularidades das crianças, promovendo uma relação de afeto, segurança e estímulo à autonomia. Assim, a confiança estabelecida servirá como base para o desenvolvimento de uma pessoa autoconfiante, capaz de se expressar de forma eficaz e buscar respostas para suas perguntas, pois suas necessidades foram ouvidas.

Pensando nessa perspectiva, a próxima seção busca apresentar uma pedagogia que ficou conhecida no mundo inteiro por se tratar de uma educação baseada nos

detalhes, levando em consideração o afeto e o respeito à individualidade de cada criança, além de reconhecer a indissociabilidade do processo de cuidar e educar.

## 2.4 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A ABORDAGEM PIKLER

Nesta seção iniciamos fazendo um breve histórico da abordagem Pikler, também conhecida como "pedagogia dos detalhes", por se tratar de uma observação detalhada de cada aspecto relacionado ao cuidado para com crianças bem pequenas destacando a forma de como esse processo interfere diretamente nas ações do dia a dia no âmbito da educação dessas crianças, pois só existe educação se houver cuidado e vice-versa.

A abordagem Pikler é uma abordagem pedagógica baseada em observações cuidadosas e sistemáticas do desenvolvimento infantil. Desenvolvida pela pediatra húngara Emmi Pikler, essa abordagem enfatiza a importância dos detalhes no cuidado e na educação das crianças, especialmente nos primeiros anos de vida. Segundo Pikler (1969) é importante que os adultos ofereçam às crianças um ambiente seguro, limpo e organizado, no qual elas possam se mover e explorar livremente. Os adultos devem estar presentes e atentos às necessidades e interesses das crianças, oferecendo-lhes ajuda e apoio quando necessário, mas sem impor seus próprios objetivos ou expectativas (Falk, 2021).

A abordagem também enfatiza a importância da autonomia e da independência das crianças. Isso significa permitir que as crianças façam as coisas por si mesmas, em seu próprio ritmo, em vez de tentar apressá-las ou controlá-las. Além disso, os adultos devem respeitar a capacidade das crianças de aprender por conta própria, sem intervenção excessiva ou direcionamento constante. Outro aspecto importante é a valorização da liberdade de movimento. Isso significa permitir que as crianças se movam livremente e desenvolvam suas habilidades físicas e motoras sem restrições desnecessárias. Os adultos devem fornecer um ambiente seguro e desafiador que permita que as crianças explorem e experimentem seus corpos.

Dessa forma, a abordagem Pikler ganhou destaque no que tange à qualidade dos cuidados com as crianças por ser uma abordagem baseada em observações cuidadosas do desenvolvimento infantil que enfatiza a importância dos detalhes no cuidado e também na educação. Ela valoriza a autonomia, a independência, a liberdade de movimento e a aprendizagem por meio da exploração e experimentação.

Esses aspectos são especialmente importantes nos primeiros anos de vida.

Emmi Pikler (1902-1984) austro-húngara, foi pediatra de família ajudando pais no desenvolvimento de seus filhos, fez seus estudos de medicina em Viena, e também nesta cidade trabalhou no hospital universitário com o professor Pirquet que teve grande contribuição para a formação de seus ideais acerca do cuidado com as crianças. Casou-se com um pedagogo progressista interessado pela educação de crianças pequenas e com ele teve uma filha. Certa da eficácia de seus estudos passou a aplicar seus conhecimentos na própria filha e depois em seus pacientes.

Ainda, Pikler ensinou as famílias a como reconhecer as necessidades das crianças e a oferecer condições necessárias para o movimento independente e atividades iniciadas diante do interesse da própria criança. Ela acreditava que quanto mais a criança fosse encorajada a realizar suas atividades de forma independente, melhor se desenvolveria. As famílias conseguiram observar que em diversas ocasiões, durante as atividades independentes, as crianças haviam adquirido experiências muito ricas e que estavam conseguindo desenvolver contatos e relações harmoniosas. Logo, foi possível observar que as crianças educadas a partir da perspectiva Pikler, com base na relação de qualidade, na segurança afetiva e no movimento livre e espontâneo eram mais autônomas, já que não solicitavam a ajuda constante do adulto (Falk, 2021).

No final da Segunda Guerra Mundial, Pikler aceitou o desafio de gerenciar o Instituto Lóczy, espaço onde surgiram as primeiras experiências da abordagem em questão, o qual foi fundado em 1946 como instituição de acolhimento de crianças órfãs de Budapeste (termo utilizado, até a segunda metade do século XX, para designar tanto as crianças cujos pais morreram, como aquelas que estavam em situação de abandono por sua família. Com os avanços da modernidade, a expressão “crianças órfãs” deixou de existir, sendo substituída por “crianças em situações de abandono”). A instituição foi dirigida pela pediatra Emmi Pikler até 1979. Lá, ela encontrou várias adversidades, mas não aceitou perpetuar as más condições da instituição, rompendo com as tradições dos orfanatos da época que não levavam em consideração o grande problema presente no rompimento dos laços afetivos, dado que as crianças acolhidas apresentavam grande carência afetiva diante da ruptura da relação mãe- criança (Falk, 2021).

Como diretora, ensinou às funcionárias (em sua maioria enfermeiras) gestos delicados e pequenas atenções e sublinhou, particularmente, o fato de a criança – em qualquer idade – ser sensível a tudo o que lhe acontece. As funcionárias do instituto

Lóczy aprenderam a observar as necessidades individuais da criança, a lhe comunicar tudo que seria feito, a se atentar a seus gestos, e o mais importante: a não impor nada às crianças, e sim criar condições adequadas para que elas tivessem interesse em realizar o que se esperavam delas, em um ritmo individual e respeitoso. As cuidadoras aprenderam aspectos pertinentes sobre a relação carinhosa que se estabelece individualmente com cada criança, especialmente nos momentos de cuidado.

Dessa maneira, o “modelo Lóczy” passou a ser seguido em diversos lugares do mundo, o primeiro livro de Emmi Pikler “O que sabe fazer o seu bebê?” é o documento oficial do “experimento” da pediatra daqueles anos que dirigia a instituição. Esse livro possui dez edições e foi publicado em vários países e nele há relatos de que as crianças do instituto da rua Lóczy eram, em geral, “alegres, curiosas, vivas e ativas que se desenvolviam harmoniosamente” (Falk, 2021, p. 37).

Ainda que, desde o início, se tenha feito um trabalho de observação- que sustentou e ajudou diretamente a prática- e uma documentação do desenvolvimento das crianças e do trabalho de cuidar e educar, apenas se pôde realizar um trabalho de metodologia e de investigação mais extenso quando Lóczy passou a se chamar “*Maternitat Metodològica*” (Falk, 2021, p.37).

Atualmente, o instituto continua a oferecer treinamento e desenvolvimento profissional para aqueles que trabalham com crianças pequenas, incluindo cuidadores, professores e terapeutas. Eles oferecem uma variedade de cursos e workshops sobre o modelo Lóczy, incluindo treinamento para cuidadores de bebês e crianças pequenas, treinamento em psicoterapia infantil, e cursos para pais e familiares. Além disso, o instituto realiza pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, publica livros e artigos sobre o modelo Lóczy e mantém um centro de documentação para aqueles interessados em aprender mais sobre o modelo. O instituto é também uma creche e jardim de infância que segue os princípios do modelo Lóczy.

A Casa Pikler-Lóczy é considerada um modelo para outras creches em todo o mundo, e é frequentemente visitada por profissionais de cuidados infantis que desejam aprender mais sobre o modelo na prática.

Dessa forma, tendo em vista esta contextualização sobre a emergência da abordagem Pikler, podemos mencionar cinco princípios norteadores assim como anuncia Soares (2020). **1) O respeito pela individualidade**, reconhecendo que cada criança é única, com um ritmo próprio de desenvolvimento. Reconhecer essa individualidade é essencial para que as práticas pedagógicas sejam adaptadas a cada

criança, permitindo que ela se desenvolva no seu próprio tempo, sem pressão ou comparações desnecessárias. Esse princípio é fundamental tanto para o bem-estar emocional quanto para o desenvolvimento físico e cognitivo. **2) A autonomia**, oferecendo às crianças oportunidades para que possam realizar tarefas sozinhas, de acordo com suas capacidades. Isso pode incluir atividades simples, como se alimentar, escolher brinquedos ou participar de decisões dentro de sua rotina. A autonomia é um passo importante para o desenvolvimento da autoconfiança e da independência, promovendo o senso de competência e autoestima. **3) Ambiente preparado e seguro**, para que as crianças possam explorar, brincar e se mover livremente. Esse espaço deve ser cuidadosamente planejado para atender às necessidades físicas e emocionais das crianças, oferecendo materiais e estímulos adequados a cada faixa etária, ao mesmo tempo que garante sua segurança. **4) Relação cuidadosa entre cuidador e criança**, estabelecer vínculos afetivos seguros proporciona uma base de confiança, essencial para que a criança se sinta confortável para explorar o mundo ao seu redor. Essa relação é construída a partir da atenção, do afeto e da consistência nos cuidados oferecidos. **5) Observação atenta**, permite que os adultos compreendam as preferências, os sentimentos e as necessidades das crianças. É através dessa escuta sensível que o educador pode ajustar suas práticas para melhor atender cada criança, respeitando suas particularidades e oferecendo oportunidades de desenvolvimento adequadas ao seu estágio de crescimento.

Tendo em vista os aspectos sobre a Abordagem Pikler, o próximo tópico trará as reflexões sobre o brincar livre que também está presente na Abordagem como uma ação importante para o bem-estar dos bebês e que será o foco da investigação proposta neste projeto.

## 2.5 PRINCIPAIS REFLEXÕES ACERCA DO BRINCAR LIVRE NA CRECHE

Vygotsky (1998) via a brincadeira como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento infantil, facilitando a aquisição de habilidades cognitivas e sociais complexas. Ao brincar, as crianças experimentam diferentes papéis, desenvolvem o pensamento simbólico, praticam o autocontrole e expandem suas capacidades. A brincadeira é, portanto, tanto uma atividade espontânea quanto uma oportunidade educativa rica em aprendizado e desenvolvimento.

No geral, professores, em especial de Educação Infantil, reconhecem a

importância do brincar para o desenvolvimento saudável, entendendo que o seu papel é importantíssimo na construção das relações interpessoais. Porém, ainda encontramos dificuldades em fazer-se compreender que o brincar não está separado da aprendizagem e romper com a ideia de que existem lugares separados para brincar e aprender se constitui ainda como algo primordial e urgente.

Mesmo reconhecendo a importância que tem o brincar para as crianças, os professores ainda vinculam a noção de que a brincadeira é um momento separado daquele onde a criança irá aprender. Porém, assim como afirmam as autoras, brincar é fundamental, é atividade prazerosa e importante: “As crianças têm uma profunda necessidade de brincar. O interesse da criança em observar seu entorno é incansável. Sente prazer em tocar, sentir, apertar, pegar e deixar cair os objetos” (Kálló; Balog, 2021, p. 17).

Uma criança sente-se imensamente satisfeita ao brincar e quando ela está emocionalmente bem e confortável tem infinitas ideias de brincadeira, enquanto uma criança com dificuldades tem interesses reprimidos e não vivencia o momento de experimentar e descobrir. Para Kálló e Balog (2021, p. 17) "com frequência pode-se identificar uma criança infeliz pela superficialidade de sua brincadeira".

Dessa maneira, podemos afirmar que quando uma criança brinca ela está aprendendo, está observando seu entorno, tentando lidar com os obstáculos, construindo relações e muitas outras coisas. Então, é possível inferir que o brincar promove bem-estar e auxilia no processo de descobertas das crianças, no entanto, é brincando livremente que elas adquirem autonomia para enfrentar os desafios encontrados no dia a dia. Além disso, a brincadeira é uma fonte importante de diversão e prazer para as crianças. É uma maneira pela qual elas podem explorar e aprender sobre o mundo ao seu redor, e é uma parte essencial da infância. Por isso, é importante que os adultos encorajam e apoiem o brincar nas crianças, oferecendo-lhes tempo, espaço e recursos para brincarem livremente e explorarem seus interesses e habilidades.

Nesta direção e ainda refletindo sobre o brincar, Pikler traz discussões imprescindíveis acerca da autonomia na primeira infância, um dos aspectos fundamentais da experiência em Lóczy. A criança é ativa desde o nascimento e tem seu próprio ritmo e curiosidade que devem ser respeitados. Já o adulto, o cuidador, deve assumir o papel de observador e deixar a criança se mover livremente nos ambientes. Seu estímulo às crianças deve ser de maneira indireta, por meio da riqueza

do ambiente (trazendo diversidade de materiais para colocar à disposição), respeitando o ritmo das aquisições motoras de cada criança (sem colocá-la numa situação que ela não domina por si mesma) e trazendo uma linguagem rica durante as comunicações (para que possam se situar adequadamente aos acontecimentos) (Falk, 2016).

Assim, em uma compreensão pedagógica, de acordo com a abordagem Pikler, observa-se que a autonomia da criança é fator determinante para a aquisição de novas habilidades, portanto o brincar livre faz parte do protagonismo infantil e essa é uma teoria que será defendida no desenrolar deste trabalho. Emmi Pikler enfatizou a importância do brincar livre na infância, e sua abordagem se baseia em uma compreensão profunda das necessidades e capacidades da criança. Para ela o brincar livre é aquele em que a criança é liberta para explorar e descobrir o mundo ao seu redor sem a interferência excessiva do adulto. Em outras palavras, é um tipo de brincar que permite à criança aprender e crescer de forma autônoma e independente.

As pesquisas realizadas em Budapeste demonstraram que a atividade autônoma no brincar tem grande importância para o desenvolvimento das potencialidades da criança, além de estimular a vontade de interagir e o sentimento de capacidade e de segurança (Soares, 2020, p. 31).

A abordagem Pikler para o brincar livre é baseada em dois princípios-chave: respeito pela criança e observação cuidadosa. Isso significa que os adultos devem criar um ambiente seguro e acolhedor para a criança brincar, mas também devem permitir que ela brinque sem interrupção excessiva ou direcionamento do adulto. Além disso, Emmi Pikler acreditava que o brincar livre deve ser adaptado às necessidades e interesses individuais da criança, permitindo-lhe desenvolver habilidades e competências em seu próprio ritmo. Ela enfatizou que os adultos devem observar cuidadosamente a criança durante o brincar, prestando atenção às suas expressões, movimentos e comportamentos para entender suas necessidades e interesses.

Na abordagem, o brincar livre não é visto como um luxo ou uma atividade secundária, mas sim como uma parte essencial do desenvolvimento infantil. Ela acreditava que o brincar livre permite à criança desenvolver habilidades cognitivas, físicas, emocionais e sociais de forma holística e integrada. Dessa forma, o brincar livre de acordo com a abordagem de Emmi Pikler é uma maneira importante de a criança aprender e crescer de forma autônoma e independente, permitindo que ela explore e descubra o mundo ao seu redor em seu próprio ritmo e de acordo com seus próprios interesses e necessidades.

O livro "Maternagem Insólita" de Myriam David e Geneviève Appell apresenta informações sobre suas observações durante uma temporada de estudos em 1971 a respeito do funcionamento da instituição dirigida por Pikler. As autoras falam sobre o brincar de maneira interessante e peculiar. Argumentam que o brincar é uma parte fundamental da vida das crianças e que a cultura ocidental moderna negligencia essa necessidade básica por motivos de expansão da tecnologia etc. Para elas, as crianças precisam de tempo e espaço para brincar livremente, sem a intervenção excessiva dos adultos.

O brincar é uma parte essencial do desenvolvimento infantil e as crianças precisam de tempo para explorar o mundo ao seu redor e descobrir coisas por si mesmas. Além de auxiliar na formação de laços sociais e no desenvolvimento de habilidades sociais. Ou seja, as crianças precisam de tempo para brincar com outras crianças porque isso é essencial para o seu desenvolvimento emocional e social (Appel; Geneviève, 2021).

A partir dessas premissas, podemos inferir que, para propiciar a vivência protagonista das crianças é fundamental compreender as implicações do bem-estar emocional relacionado com aspectos do contexto físico para um brincar livre e saudável. Diante disso, acreditamos que o adulto é capaz de oferecer condições para que um brincar livre possa prosperar. O espaço é um dos componentes fundamentais para o desenvolvimento dessa atividade, uma vez que ele é o ambiente que sustenta e alimenta os processos de descobertas e experimentações e não um simples cenário.

No instituto Pikler, as crianças brincam desde muito cedo, inicialmente em uma zona protegida com piso de madeira chamado "espaço de brincar" e o ambiente organizado precisa ter intencionalidade do educador ao antever quais ações serão realizadas ali, bem como os materiais que serão disponibilizados. É importante considerar que, levando em conta o papel protagonista da criança, o foco precisa ser nas oportunidades oferecidas para que elas possam criar novas hipóteses e fazer descobertas, não nos resultados esperados pelo adulto (Soares, 2020).

Como podemos perceber, o modo de organizar o espaço incide diretamente no brincar da criança. Um dos aportes importantes nessa perspectiva diz respeito a como fazer uma organização adequada para que o ambiente seja um lugar de descobertas e experiências. Segundo Kalló e Balog (2021, p.23), a criança que ainda brinca deitada de barriga para cima - de 3 a 6 meses "os três ou quatro brinquedos que lhe damos devem ser acessíveis para essa postura". É preciso que o educador esteja atento ao tipo

de brincadeira de cada criança, pois até que o bebê mude de posição, é importante verificar qual brinquedo é adequado para poder ofertá-lo.

Para as crianças maiores, que já conseguem se movimentar com facilidade, os preparativos incluem disponibilizar os objetos em diferentes cantos para que elas brinquem de trazer e levar as coisas de um canto para outro, e também que tenham o poder de decisão com o que brincar.

Para que cada um tenha uma oferta variada, adequada e ajustada a seus interesses e a seu momento do desenvolvimento é necessária uma cuidadosa observação, que permite entender quais ou quantos brinquedos um grupo específico de crianças necessita. Deve haver quantidade suficiente de um mesmo objeto, para o caso de várias crianças quererem brincar ao mesmo tempo com esse objeto. Contrariamente, um excesso de objetos de brincar só interferirá em seu processo (Falk, 2021, p. 34).

Diante de tais elucidações, uma reflexão importante remete-nos a considerar que a organização do ambiente não deve se restringir às "salas de brincar", uma vez que na educação infantil todos os espaços têm o poder de influenciar nas descobertas da criança, desde a entrada, o pátio, os corredores, salas diversas, banheiro, cozinha etc.

O princípio norteador da organização de um ambiente para brincar é convidar a criança a estar naquele lugar. Para isso, os espaços externos devem estar igualmente preparados para receber as crianças, a entrada por exemplo é o primeiro ambiente vislumbrado, então ele precisará passar uma mensagem de acolhimento e isso só será possível se estiver marcado com elementos do cotidiano e não com um ambiente infantil artificial (Horn, 2017).

As salas de referências também são espaços fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Ainda, conforme Horn (2017), os espaços destinados a crianças da faixa etária de 0 a 2 anos, comumente conhecidos como berçários (recorte de idade feito no presente trabalho) devem girar em torno de quatro princípios importantes: 1) proporcionar um ambiente organizado e, ao mesmo tempo, flexível; 2) proporcionar conforto, segurança e, ao mesmo tempo, desafios; 3) proporcionar a interação com as diferentes linguagens; e 4) proporcionar o bem-estar das crianças.

Nesse contexto, o papel que o docente desempenha é o de observador e mediador que facilita o processo de ensino-aprendizagem durante as brincadeiras iniciadas pelas próprias crianças. De acordo com Falk (2021, p. 50),

Quando observamos, devemos fazê-lo de um duplo ponto de vista: o do

adulto e o da criança. Pois, a criança não brinca, vive. Vive muito seriamente, implicando-se completamente, envolvendo todas as suas funções e todas as suas emoções em cada ato, desde o nascimento. Apenas a observação externa descobre nessa atividade os sinais de uma evolução, os elementos mais ou menos favorecedores do progresso, os fatores de comportamentos futuros cada vez mais complexos (Falk, 2021, p. 50).

Assim, o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento humano e tem um papel importante na formação de indivíduos saudáveis e equilibrados. Dessa forma, ele não deve ser considerado uma atividade secundária na educação infantil, mas sim uma parte essencial dela, pois o brincar é uma forma de aprendizado e as crianças aprendem melhor quando estão envolvidas em atividades lúdicas e divertidas.

Além disso, o papel do educador na promoção do brincar na educação infantil é estar atento às necessidades e interesses das crianças e criar um ambiente acolhedor e seguro para que elas possam brincar livremente, pois assim facilita o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças. Além de desenvolver habilidades motoras, cognitivas, sociais e de ajudá-las a lidar com suas emoções e a desenvolver a criatividade e a imaginação.

Isto posto, enfatiza-se a importância do brincar na infância e na educação infantil como uma atividade fundamental para o desenvolvimento humano, destacando a necessidade de se criar um ambiente acolhedor e seguro para as crianças brincarem livremente sem intervenção direta do educador, pois o papel do adulto de referência é observar atentamente e criar ambientes seguros e propícios ao brincar da criança. A seguir será delineado os caminhos metodológicos presentes no projeto.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Esta dissertação se baseia na seguinte pergunta: “como o educador concebe e inclui o brincar livre na sua prática pedagógica?” Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa é compreender a percepção e a postura da educadora sobre o brincar livre e a repercussão disso na atividade autônoma de crianças entre 0 e 2 anos no espaço coletivo da creche. Para isso, listamos os seguintes objetivos específicos: 1) Verificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica da educadora e como ela o concebe; 2) Investigar quais são as configurações do brincar da criança em relação às atitudes do adulto; 3) Analisar as possíveis atitudes da educadora em relação ao brincar livre das crianças.

Dessa forma, entendemos que a pesquisa envolverá elementos de caráter

qualitativo, uma vez que segundo Moreira (2002), a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir os dados estudados, mas focaliza os interesses amplos, que vão se definindo à medida que o assunto se desenvolve, proporcionando destreza para interpretar e entender acerca da temática estudada.

Vale destacar que para Minayo (2002) é importante compreender a subjetividade dos sujeitos envolvidos no estudo, bem como o contexto social, cultural e histórico em que os fenômenos ocorrem. Portanto, o estudo será baseado neste viés, uma vez que este é o que melhor dialoga com os objetivos apresentados, que tem como base explorar as experiências individuais e coletivas, as percepções e as atitudes dos sujeitos envolvidos. Além do caráter qualitativo, esse estudo também é descritivo, uma vez que, propõe-se a descrever como ocorre o “brincar livre” da criança e a postura do adulto educador diante desse brincar.

Para que um conhecimento seja de fato científico, é preciso “determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento” (Gil, 2008, p. 23). Dessa maneira, a pesquisa faz uso do estudo de caso, que visa analisar de maneira aprofundada um caso individual ou coletivo para compreender melhor a dinâmica e os processos que vão ser estudados.

Segundo Yin (2015), o pesquisador que realiza um estudo de caso coleta diversos tipos de dados, como entrevistas, observações, documentos, registros históricos e outras fontes de informação pertinentes ao caso em estudo. O autor separa os estudos de caso em único ou múltiplo ao afirmar que,

Casos únicos, segundo ele, são válidos e decisivos para testar a teoria, quando é raro ou extremo; quando é representativo ou típico, ou seja, se assemelha a muitos outros casos; quando é revelador, ou seja, quando o fenômeno é inacessível; e longitudinal, em que se estuda o caso único em momentos distintos no tempo; Já os casos múltiplos são mais consistentes e permitem maiores generalizações, mas demandam maiores recursos e tempo por parte do pesquisador; ambos podem ter o enfoque incorporado que envolve mais de uma unidade de análise no estudo de caso ou o enfoque holístico que examina a natureza global, como um todo (Holanda *et al.*, 2020).

A análise dos dados geralmente envolve uma abordagem indutiva, em que padrões, temas e categorias emergem durante o processo de investigação. Na pesquisa em questão, a videografia será utilizada como principal instrumento, que é uma ferramenta importante para analisar ações comunicativas e gestuais, com o intuito de capturar ações importantes e atitudes do cotidiano com base na atividade investigada

(Meira, 1994).

O objetivo dos registros filmados é ter em mãos ações do cotidiano do bebê que possam passar despercebidas apenas com a observação. Por uma questão ética da pesquisa, é importante que a pesquisadora, antes de tudo, crie vínculos com as crianças, educadoras e auxiliares filmadas, uma vez que elas precisam estar dentro do processo como atores e não objetos. Por essa razão, não foi utilizada a estratégia de filmagens escondidas. Outro aspecto importante é que o ambiente em questão já seja de conhecimento de todos os participantes da pesquisa (crianças, educadoras e auxiliares), em um lugar onde as brincadeiras já acontecem cotidianamente, pois, dessa forma, há uma questão cultural a ser respeitada, já que elas não serão tiradas do seu lugar de segurança para servir de objeto de pesquisa.

Para trabalhar com a faixa etária de crianças entre 0 e 2 anos é necessário ter conhecimento de que essas crianças têm muito a nos dizer, sobretudo, através de gestos, movimentos e balbucios conseguimos escutar, refletir e dialogar. Nesse contexto, a videografia nos ajudará a entender melhor as trocas comunicativas no processo do brincar livre.

Vale ressaltar, também, que é um objetivo da pesquisa analisar a postura da educadora enquanto a criança brinca. Muitas vezes o adulto não consegue se comportar diante do brincar livre da criança, e acaba interferindo de maneira inadequada, e em determinados casos, faz com que a satisfação da criança em determinada brincadeira acabe. Por isso, vale ressaltar que antes mesmo do registro videográfico, faremos uma espécie de entrevista com a educadora em questão, para entender melhor qual a compreensão que ela tem sobre o brincar livre.

### 3.1 APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O CMEI 8 de Março foi escolhido como local ideal para a realização da pesquisa por dois motivos principais que se destacam em relação a outras instituições: sua visão diferenciada sobre a educação infantil e sua excelente infraestrutura.

O CMEI 8 de Março adota uma perspectiva pedagógica que vai além da simples transmissão de conteúdos e cuidados básicos. A creche valoriza a criança como um sujeito ativo no processo de aprendizagem e destaca a importância das interações e da autonomia no desenvolvimento infantil. Ao focar na escuta das múltiplas formas de expressão das crianças, na construção de vínculos afetivos e no

incentivo à autonomia, o CMEI demonstra um compromisso com uma educação integral, que reconhece a criança como protagonista de sua própria trajetória de desenvolvimento. Esse olhar diferenciado permite que o ambiente da creche seja um local de aprendizagem significativo.

Já no que diz respeito à infraestrutura, a creche oferece um ambiente estimulante e seguro para o desenvolvimento das crianças. O espaço físico bem planejado proporciona áreas adequadas para diferentes atividades, como salas de aula equipadas, espaços para brincadeiras e exploração, além de ambientes bem equipados.

A instituição foi inaugurada em 2014 e atende 125 crianças da localidade. Seu espaço físico inclui dois pavimentos, o térreo do prédio com um espaço para refeitório, um espaço pequeno de pátio, cozinha, copa, sala dos professores, sala da direção/coordenação e secretaria, além de instalações sanitárias adequadas. No primeiro andar, possui quatro salas de aula/ateliês denominadas como sala do faz de conta (equipada com vários brinquedos, fantasias etc.), sala do movimento (equipada com colchonetes, brinquedos, espelhos etc.), sala da linguagem (equipada com mesas e cadeiras, materiais de tecnologia e instrumentos musicais variados) e sala de arte (equipado com tintas, lápis, pinceis, papeis variados etc.). Possui também uma videoteca, banheiro projetado para as crianças, e um berçário com fraldário e lactário. Possui um corredor colorido, onde estão expostas as atividades das crianças.

O CMEI está localizado no bairro do Ibura em Recife, local de grande vulnerabilidade social, o que faz com que a presença de uma boa creche vá além de seu papel educacional e garanta que, apesar das adversidades, as crianças tenham acesso a cuidados, alimentação e atividades educativas que promovem seu bem-estar e aprendizado.

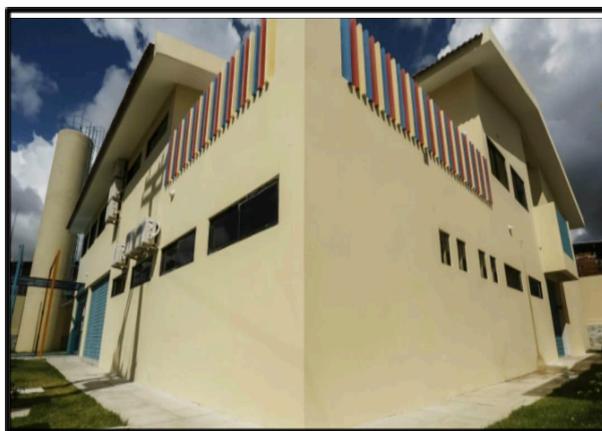
Abaixo, as Figuras 1 a 4 apresentam algumas fotos da instituição CMEI 8 de Março, local deste estudo.

**Figura 1.** Fachada da creche do CMEI 8 de março.



Fonte: A autora (2024).

**Figura 2.** Espaço interno do CMEI 8 de março.



Fonte: A autora (2024).

**Figura 3.** Pátio do CMEI 8 de março.



Fonte: A autora (2024).

**Figura 4.** Refeitório/cozinha do CMEI 8 de março.



Fonte: A autora (2024).

A creche conta com uma equipe formada por 5 professoras, 6 Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI's), além de funcionários da cozinha, limpeza e segurança. Por terem poucos profissionais, a instituição elabora rodízio de turmas, onde cada dia uma turma de crianças não vai à creche para facilitar o trabalho das auxiliares nas outras turmas.

O rodízio de turmas é uma medida que, em alguns contextos, tem sido implementada para lidar com problemas como a falta de profissionais suficientes para atuar, por exemplo. No entanto, essa prática pode ferir o direito fundamental da criança à educação, garantido tanto pela Constituição Federal do Brasil quanto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esse direito assegura que toda criança tenha acesso à educação regular e de qualidade, algo que o rodízio pode comprometer.

O direito à educação envolve não apenas o acesso à escola, mas também a garantia de uma frequência regular e contínua. Quando as crianças são submetidas a um rodízio de turmas, com dias alternados de presença na escola, esse princípio é violado. A educação regular é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, proporcionando não só o aprendizado de conteúdos escolares, mas também a convivência social, o desenvolvimento de habilidades emocionais, e a construção de vínculos com colegas e professores. As crianças, especialmente as menores, precisam de continuidade no processo de ensino-aprendizagem, já que a repetição, a rotina e a estabilidade são essenciais para a consolidação de conhecimentos. Além disso, a escola é um espaço onde muitas crianças encontram alimentação adequada e um

ambiente seguro, o que também é comprometido com o rodízio. Quando o direito à escola em tempo integral é violado, a qualidade de vida e o desenvolvimento saudável das crianças, especialmente as mais vulneráveis, ficam em risco.

Portanto, é essencial que medidas que garantam a frequência escolar plena sejam priorizadas, respeitando o direito da criança de ir à escola de forma regular e contínua.

### 3.2 OS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Entre os participantes da pesquisa, temos a educadora auxiliar, que no momento da pesquisa, assumia a turma do grupo II porque a professora titular estava fazendo trabalho de coordenação. Os dados de identificação da educadora estão apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1.** Dados de identificação da educadora de referência.

<b>Identificação</b>	Josi (escolhido pela própria)
<b>Faixa etária</b>	50 anos
<b>Formação</b>	Graduação em Pedagogia Graduação em Letras Especialização em Alfabetização em Língua Portuguesa
<b>Tempo de atuação</b>	23 anos

Fonte: A autora (2024).

Além da educadora, 18 crianças com a faixa etária de 2 anos pertencentes ao grupo II do CMEI 8 de março participaram da pesquisa. Os seguintes pseudônimos das crianças foram utilizados: Lindinha, Florzinha, Docinho, Mickey, Popeye, Dora, Tom, Jerry, Bob Esponja, Pluto, Pantera-rosa, Ariel, Cinderella, Elsa, Merida, Ursinha, Branca de Neve e Bela. A escolha pela turma se deu a partir da concepção da educadora sobre a falta de materiais que tenham como protagonistas os bebês. Além disso, no que diz respeito à escolha do grupo, respeitamos a disponibilidade da instituição e da educadora no que concerne à participação voluntária na pesquisa, a partir do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B).

### 3.3 MATERIAIS

Os materiais que foram utilizados nas diversas etapas da investigação (antes e durante a investigação) serão descritos a seguir.

*Antes do início da investigação:* como se trata de uma pesquisa em creche, antes de dar início ao processo de investigação, foi preciso tratar de questões burocráticas como a entrega de documentos (carta de anuência) à direção solicitando autorização para a realização da pesquisa. É necessária também uma conversa prévia tanto com a direção quanto com o corpo docente que participa da investigação, uma vez que é importante informarmos todo o procedimento e intencionalidade da pesquisa. Será mostrado também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os sujeitos participantes tomem ciência de que só participarão da pesquisa aqueles que sentirem-se à vontade e consentirem (Anexo A).

Os meus primeiros contatos com a instituição se deram a partir do mês de maio de 2024 quando fui conhecer o espaço e conversar com a gestora. Passei a ir com muita frequência e comecei a observar um pouco da rotina das crianças e como a creche funciona. Fui muito bem recebida, com educação e vários sorrisos dos funcionários. Conheci os espaços internos da instituição, assim como a professora regente e a auxiliar da turma que iria me acolher. Ambas pareciam muito simpáticas e dispostas a ajudar. Consegui ter contato com os pais da turma e fui apresentada como estudante pesquisadora. Por fim, apresentei a pesquisa e entreguei o TCLE para consentimento de participação na pesquisa (Anexo B).

*Durante o processo de investigação:* No mês seguinte iniciou-se a jornada de observação da turma do grupo II. No início da investigação, foi feita uma entrevista semiestruturada com a professora da turma (Apêndice 1). O sentido da entrevista semiestruturada é entender os conhecimentos prévios de uma pessoa sobre determinado assunto, por isso não seguimos “rigorosamente” o formulário e a conversa fluiu naturalmente. A educadora Josi, depois de ter assinado o TCLE, disponibilizou um pouco do seu tempo ser entrevistada, antes de começarem as observações. Conseguimos um momento na sala dos professores, onde ocorreu a entrevista. No início, pedi autorização para gravar nossa conversa e relatei que era algo simples, que ela não precisava ficar presa a “certo ou errado” e que apenas ficasse à vontade para falar.

A entrevista foi norteada por um roteiro de perguntas, descritos no Apêndice A, no entanto, ao longo da entrevista, outras discussões surgiram, como a dificuldade de criar estratégias para um brincar livre com uma turma tão volumosa de crianças,

bem como ter que resolver conflitos na maior parte do tempo, pois os bebês brigam muito entre si por causa de brinquedo, entre outras causas.

Para a observação, foi utilizado um caderno de campo, no qual foram escritos alguns elementos de observação que chamaram atenção. Como material para a gravação dos vídeos, foi utilizado o celular da própria pesquisadora. No início houve um pouco de dificuldade em relação ao enquadramento, mas ao longo das observações foram utilizadas estratégias que facilitaram o percurso.

### 3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para seguir o roteiro de investigação, os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados, considerando os objetivos específicos da pesquisa, estão descritos nos tópicos a seguir.

#### **3.4.1 Verificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica da educadora e como ela o concebe**

Para entender este objetivo, utilizou-se o recurso da entrevista semiestruturada. Neste tipo de entrevista, o entrevistador tem uma lista de tópicos ou questões principais a serem abordados, mas também tem a flexibilidade de explorar novos temas ou seguir tangentes que possam surgir durante a conversa. Segundo Santos *et al.* (2021), os benefícios das entrevistas semiestruturadas incluem a capacidade de obter respostas mais detalhadas e contextualizadas, explorar diferentes perspectivas e permitir que os entrevistados expressem suas opiniões de maneira mais subjetiva. Essa abordagem é frequentemente utilizada em pesquisa qualitativa, onde a compreensão profunda das experiências, opiniões e atitudes dos entrevistados é essencial.

#### **3.4.2 Investigar quais são as configurações do brincar das crianças em relação às atitudes da educadora**

Para tal, foram feitos registros em vídeo com o objetivo de identificar elementos importantes do brincar das crianças. Vale ressaltar que os registros videográficos representam a contação de história das crianças naquele momento, ou seja, suas histórias brincando livremente. Por isso, o tempo de gravação, assim como, a forma que foi feita a gravação buscou respeitar o acontecer natural das crianças, ou seja, não aconteceu de forma imposta. A gravação foi um aporte para a pesquisa de

modo que, o interesse maior foi registrar acontecimentos que, provavelmente, escapariam numa observação direta.

### **3.4.3 Analisar as possíveis atitudes da educadora em relação ao brincar livre das crianças**

Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a entrevista projetiva das práticas pedagógicas da própria educadora enquanto acontecia o brincar livre das crianças, a partir de dispositivos visuais (celular). Para isso, foi feito um convite a entrevistada para discorrer sobre o que se vê e analisar esses momentos (foi selecionado um vídeo em que a postura da educadora foi de intervenção que resultou no fim da brincadeira livre de algumas crianças. Depois, em forma de diálogo, foi mostrado esse episódio e solicitado o relato da educadora sobre suas atitudes em cada momento mostrado).

## **3.5 PROPOSTA DE ANÁLISE DOS DADOS**

### **3.5.1 Análise dos dados da entrevista semiestruturada e da entrevista projetiva**

Seguindo a linha metodológica, este projeto tem como proposta analisar os dados coletados por meio da análise textual discursiva, que é uma abordagem comumente utilizada em diversas disciplinas, como ciências sociais, comunicação, linguística, psicologia e estudos culturais, que visa examinar discursos em diferentes contextos, como mídia, organizações, políticas públicas, entre outros. A análise textual discursiva proporciona uma compreensão mais profunda das complexidades do significado e das relações sociais expressas por meio da linguagem.

Segundo Medeiros *et al.* (2017), essa abordagem não se concentra apenas na identificação de elementos superficiais do texto, mas busca compreender os sentidos mais profundos e as construções de significado presentes nas expressões linguísticas, examinando como os discursos são produzidos, disseminados e interpretados em determinados contextos. A análise textual discursiva muitas vezes incorpora uma dimensão crítica, questionando as possíveis assimetrias presentes nos discursos. Logo, permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas refletidas nos textos.

Dessa forma, os dados coletados das entrevistas semiestruturadas e projetivas não se pleitearão na descrição, mas sim, na interpretação crítica do que deverá ser analisado. “A interpretação segue uma visão hermenêutica de reconstrução de significados com acento na perspectiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa”

(Medeiros *et al.*, 2017, p. 248).

A análise textual discursiva é um processo interativo e reflexivo, portanto, é importante ter uma interpretação e compreensão profunda dos significados presentes nos discursos do entrevistado, que no caso desta pesquisa, são os educadores (por meio da entrevista semiestruturada e da análise dos registros em vídeo). Nesse estudo, foi feita a leitura da entrevista para ter uma compreensão abrangente do conteúdo. Durante a leitura, buscou-se identificar temas recorrentes, palavras-chave e padrões linguísticos que possam indicar aspectos importantes do discurso para que sejam apresentados os resultados de maneira clara e organizada.

### **3.5.2 Análise dos registros em vídeo - Observação Pikleriana**

Para analisar os dados obtidos a partir dos registros em vídeo, foi utilizada a observação pikleriana. Segundo Mózes (2018, p. 28), o aspecto principal desta observação é o “aprofundamento do conhecimento acerca do desenvolvimento infantil e da metodologia educacional, bem como o aprimoramento da prática profissional, ou seja, da qualidade do cuidado”.

Nesse sentido, com o objetivo de analisar como ocorre o brincar livre da criança e qual o papel do adulto nesse momento, procurou-se fazer uma observação descritiva, a partir da análise das interações dos bebês com seus pares e com os adultos de referência nos momentos de brincadeira, bem como a atitude do adulto enquanto a criança se movimenta livremente.

A particularidade da observação pikleriana é que principalmente em situações cotidianas, a atividade autoinduzida, espontânea e autônoma do bebê e da criança pequena, bem como a interação adulto-criança são observadas, em contraste com as observações de laboratório, que são de caráter experimental, ou seja, o comportamento induzido é observado. A observação pikleriana pode ter objetivos muito diferentes, mas sua peculiaridade e seu mérito são ter encontrado e continuar a achar digna de grande atenção a atividade autônoma do bebê (Mózes, 2018, p. 28, tradução nossa).

A observação pikleriana, adotada neste estudo, se trata de uma observação não participante, de modo que o pesquisador não terá envolvimento com os autores da ação. Portanto, “podemos chamar de observador não participante uma pessoa que não cuida de crianças, que não participa diretamente de sua provisão” (Mózes, 2018, p. 29, tradução nossa).

Nesse contexto, surgem as reflexões do tipo: “o que observar?”, que no caso da

presente investigação incluem as características e particularidades dos bebês enquanto brincam e a postura dos adultos educadores; além da reflexão sobre “como observar”, que significa estar atento aos detalhes para entender o que de fato acontece com quem está sendo observado. Essas atitudes são importantes para a construção metodológica, uma vez que o objetivo é captar a maior quantidade de detalhes possíveis, através do instrumento metodológico da videografia.

### 3.6 QUESTÕES ÉTICAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS

Os pesquisadores que realizam estudos com crianças enfrentam desafios específicos, no que diz respeito à pesquisa com elas e não sobre elas. Isso ocorre porque bebês ainda não têm a capacidade de expressar suas vontades verbalmente, e ao mesmo tempo, estão sob a responsabilidade de adultos que frequentemente tomam decisões importantes por eles.

Neste sentido, este trabalho se propõe a seguir diretrizes e regulamentos éticos, com ênfase no bem-estar das crianças envolvidas. O objetivo é garantir que as vontades e desejos das crianças sejam respeitados, assegurando que elas participem da pesquisa como participantes ativos, e não apenas como objetos de estudo. Dessa forma, Kramer *et al.* (2005) assinala que,

Nas situações de pesquisa, também com crianças, se coloca como fundamental analisar os discursos, as interlocuções tanto nas entrevistas quanto em outras situações de interação (observação de brincadeiras, conversas, diálogos entre crianças, diálogos entre crianças e adultos, experiências culturais) (Kramer *et al.*, 2005, p. 5).

Portanto, ao considerar que os bebês são sujeitos ativos e protagonistas de suas próprias histórias, é fundamental refletir sobre a obtenção de consentimento voluntário por meio das diversas formas de comunicação que as crianças utilizam. Respeitando a linguagem corporal dos bebês e suas expressões, planejamos realizar a brincadeira "bolas no cesto" da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos a pesquisa para as crianças e demarcamos um ponto no chão onde elas devem ficar. Em seguida, a pesquisadora mostrará bolas verdes e vermelhas e dará a seguinte orientação: "Quem quer participar deve pegar a bolinha verde e colocá-la no cesto; quem não quer participar deve pegar a bolinha vermelha e colocá-la no cesto." Após isso, contaremos as bolas com as crianças e confirmaremos quem vai participar e quem não vai. Este processo será registrado em vídeo.

Para garantir a participação voluntária, todos os aspectos da pesquisa serão detalhados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que será apresentado e assinado pelos participantes, incluindo educadoras e responsáveis legais das crianças

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa e discutiremos esses resultados com base nos fundamentos teóricos que apoiam este trabalho. Primeiramente, exporemos e discutiremos os dados obtidos das observações e registros em vídeo do brincar livre das crianças. Em seguida, abordaremos os resultados das entrevistas semiestruturadas e projetivas.

### 4.1 DAS OBSERVAÇÕES

As observações ocorreram no período de 7 dias ao todo (4 dias de uma semana e 3 de outra), pois, como citado anteriormente, a escola estava realizando o rodízio de funcionários e todas as quartas-feiras era dia do grupo II se ausentar. A rotina da creche inicia às 7h com a chegada das crianças acompanhadas de seus familiares e/ou responsáveis e todos se direcionam para a sala de origem da criança, que no caso do grupo II chama-se “sala ambiente do faz-de-conta”. Nesse momento as famílias fazem a troca de roupa das crianças e as deixam com as auxiliares em sala, brincando livremente.

Pouco depois, às 7:15, as professoras entram em sala e levam as crianças para o café da manhã. Depois deste momento, todas vão ao pátio e fazem um bom dia coletivo, cantando músicas e fazendo a oração, em seguida, as professoras levam suas turmas para as referidas salas ambientes para começarem as atividades do dia. Na Tabela 2 é apresentada a agenda das salas ambiente do grupo II. O expediente da manhã termina aproximadamente às 11:15, horário do almoço das crianças;

**Tabela 2.** Agenda das salas ambientes do grupo II.

<b>GRUPO</b>	<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Quarta</b>	<b>Quinta</b>	<b>Sexta</b>
II- Manhã	Arte	Linguagem	Dia de Rodízio	Linguagem	Movimento
	F. de Conta	F. de Conta	-	F. de Conta	F. de Conta

Fonte: A autora (2024).

É importante frisar que as observações ocorreram mais detalhadamente nos momentos de brincar livre das crianças, que rendeu um total de 3h37min de conteúdo

gravado, com tempos distintos para cada vídeo, disponibilizados em 28 episódios, e estiveram concentradas nas salas/ambientes. Para uma melhor análise, no que tange a postura da educadora, os Episódios foram separados em 5 categorias<sup>1</sup>, sendo eles: 1. Disponibilidade e atendimento; 2. Não Observação ao brincar livre; 3. Participação ativa; 4. Mediação; 5. Intervenção. Já, no que concerne ao brincar livre das crianças, foram identificadas 4 categorias<sup>2</sup>, sendo elas: 1. Brincadeira livre com brinquedos diversos; 2. Exploração de instrumentos musicais; 3. Faz de conta; 4. Movimento livre.

#### 4.1.1 O que diz a postura da educadora

A primeira categoria analisada chama-se Disponibilidade e atendimento, que corresponde aos Episódios em que a educadora estava observando a brincadeira das crianças e se colocou à disposição quando procurada. A segunda categoria foi denominada como Não Observação ao brincar livre que diz respeito aos momentos em que a educadora estava cumprindo outra função sem observar as brincadeiras. A terceira categoria Participação ativa, foi identificada nos momentos em que a educadora participou da brincadeira junto às crianças, mesmo sem que elas tenham solicitado. A quarta categoria analisada foi a Mediação que diz respeito aos momentos em que a educadora verbalizou um comando para manter a harmonia e a participação de todos nas brincadeiras. A quinta e última categoria foi identificada como Intervenção que inclui os momentos em que a educadora intervém na brincadeira.

Em relação a frequência de aparecimento de cada categoria, observamos que a mais frequente é a “Não observação ao brincar livre”, que no total de 28 Episódios, estava presente em 11, o que corresponde a 39,29% do total analisado.

Com a análise dos dados relacionados a esta categoria, observamos que a educadora não organiza previamente o ambiente<sup>3</sup> para o brincar livre das crianças e usa o tempo em que elas estão brincando “livre” para realizar outras atividades. Há também uma mistura de brinquedos, que dificulta a educadora observar com atenção quais são as preferências de cada criança. As salas são amplas, porém não existe uma organização para uma observação atenta aos momentos de exploração. Além disso,

---

<sup>1</sup> Categorias 1,3 e 4 em relação à postura da educadora inspiradas em Vanderlei (2022).

<sup>2</sup> Categorias 3 e 4 em relação ao brincar das crianças inspiradas em Vanderlei (2022).

<sup>3</sup> Zabalza (1988) cita Forneiro, explanando uma distinção entre espaço e ambiente na qual adotamos nesta dissertação. Os espaços são os locais que são caracterizados pelos materiais, mobiliários e etc. Já o ambiente é o conjunto desses espaços físicos com as relações que neles se estabelecem.

pela falta de observação, muitas vezes a educadora perde de ver construções incríveis e até mesmo conflitos que surgem no percurso do brincar.

Em relação ao que foi exposto acima, o Episódio dezoito retrata o não planejamento do brincar e se enquadra na categoria de Não observação ao brincar livre da educadora, uma vez que ela está cumprindo outra função e deixa de observar os momentos de exploração que eles estão vivenciando.

*As crianças brincam com blocos de montar, porém são interrompidas pela própria educadora que começa a fazer a chamada. Enquanto as crianças vão brincando a professora vai chamando de um por um e entrega a ficha de seu nome, algumas crianças interrompem a brincadeira que estava fazendo pra prestar atenção e explorar seu nome, já outras continuam brincando e deixam o nome no chão (descrição do Episódio 18).*

Do excerto acima, podemos inferir que, além de confundir a brincadeira das crianças, este ato também impossibilitou que a educadora observasse com atenção a criatividade enquanto outra criança brincava em frente ao espelho, gesticulando e fazendo várias expressões faciais. Ainda ao que se refere ao Episódio dezoito,

*Branca de Neve estava em frente ao espelho e reproduzia as seguintes palavras: “eu sou a Branca de Neve, sou muito bonita e a bruxa má não vai me pegar”. Em seguida, a educadora a chamou para pegar seu nome, Branca de Neve pegou sua ficha e voltou para o espelho, falando “espelho, espelho meu” (descrição do Episódio 18).*

A Figura 5 exibe a educadora na categoria Não observação ao brincar livre com as crianças do estudo.

**Figura 5.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio 18, na categoria “Não observação ao brincar livre”.



Fonte: A autora (2024).

No Episódio 18, foi possível observar que as interações estão reduzidas, pois o ambiente não estava favorecendo a colaboração e a socialização, pois as brincadeiras estavam limitadas pela ausência de uma variedade de materiais e recursos bem distribuídos. Segundo Fochi *et al.* (2017) *apud* Brandão (2020), a organização do ambiente precisa ser propositalmente planejada a fim de potencializar a pesquisa que será feita pelos bebês, assim, eles irão criar repertórios motores significativos para sua maturidade postural, explorando livremente seus movimentos.

A segunda categoria analisada que apresentou maior frequência foi a *intervenção*, totalizando 6 Episódios, correspondendo a 26,42% dos casos avaliados. A partir da análise dos vídeos foi possível notar que a educadora teve algumas posturas de intervenção direta, onde, na maioria das vezes, interrompia a brincadeira e os momentos de descoberta.

Para Emmi Pikler, através da perspectiva de Soares (2020), as crianças aprendem melhor através da exploração independente. Quando os educadores intervêm, interrompendo o brincar livre, podem interromper também o processo natural de descoberta e aprendizado da criança. O Episódio doze nos mostra uma atitude onde a postura da educadora foi de *intervenção*:

*As crianças estão sentadas no chão brincando de boneca, então decidem levantar e montar um ônibus com duas cadeiras. Duas crianças sentam nas cadeiras e se comunicam com as bonecas, outras crianças chegam e tentam sentar também, mas sem sucesso. A professora pede que as crianças devolvam as cadeiras e solicita várias vezes para que elas coloquem “no lugar”, mas as crianças não dão ouvidos e continuam a brincadeira, mas em um certo momento a professora se levanta solicita que as crianças levantem, então ela pega as cadeiras e as guarda, fazendo assim a brincadeira acabar (descrição do Episódio 12).*

A partir do fragmento do Episódio 12, podemos notar que as crianças estavam em um processo de construção de aprendizagem, onde várias habilidades estavam sendo exploradas. Neste exato momento de brincar, as crianças estavam retratando elementos do cotidiano, tais como, o cuidar de um bebê, o desenrolar da linguagem através das conversas que estavam tendo com seus pares, a atitude de pegar um ônibus e entender que ele o deixará em algum lugar específico. A Figura 6 ilustra o momento do Episódio referido da educadora com as crianças.

**Figura 6.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio 12.



Fonte: A autora (2024).

Segundo Fochi (2013), o educador deve atuar como um facilitador do brincar, criando um ambiente seguro, rico em estímulos e propício para a exploração. Ele deve observar, apoiar e intervir de forma sensível e respeitosa, quando necessário. Além disso, é preciso que o educador tenha um olhar sensível para as brincadeiras, para ter uma melhor estratégia ao encerrá-las. Sabemos que a rotina de uma creche demanda um tempo cronometrado para realizar as atividades, mas é importante que se tenha um planejamento para avisar previamente às crianças sobre o fim da brincadeira. Em mais um fragmento do Episódio doze, podemos observar que a educadora, em sua postura de *Intervenção*, interrompe um brincar livre cheio de descobertas.

*As crianças estão chegando na sala com suas famílias e no chão da sala está disponível vários brinquedos. Ao chegar, Mickey avistou um chapéu de construção e uma pá (ciscadeira) e começou sua brincadeira. Ele passava a pá no chão e falava “olha, eu tô colhendo cenouras” “elas são amarelas. Ah, não, são laranjas” e continuou essa brincadeira até ela ser interrompida para que eles guardassem os brinquedos para o café da manhã. Neste momento, Mickey não gostou da interrupção e logo respondeu: “ahh! mas eu estou colhendo cenouras” (descrição do Episódio 12).*

A Figura 7 mostra o exato momento de brincadeira do Mickey em sua descoberta sobre as cenouras laranjas.

**Figura 7.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio doze.



Fonte: A autora (2024).

A partir do excerto exposto, sobre a postura da educadora, podemos afirmar que, por falta de planejamento intencional para o brincar, a educadora acaba interferindo diretamente nos momentos de brincar das crianças. Segundo Falk (2021), a intervenção constante pode transmitir aos bebês a mensagem de que eles não são capazes de brincar ou explorar por conta própria. Portanto, essa atitude pode afetar negativamente a autoestima e a confiança deles em suas próprias habilidades.

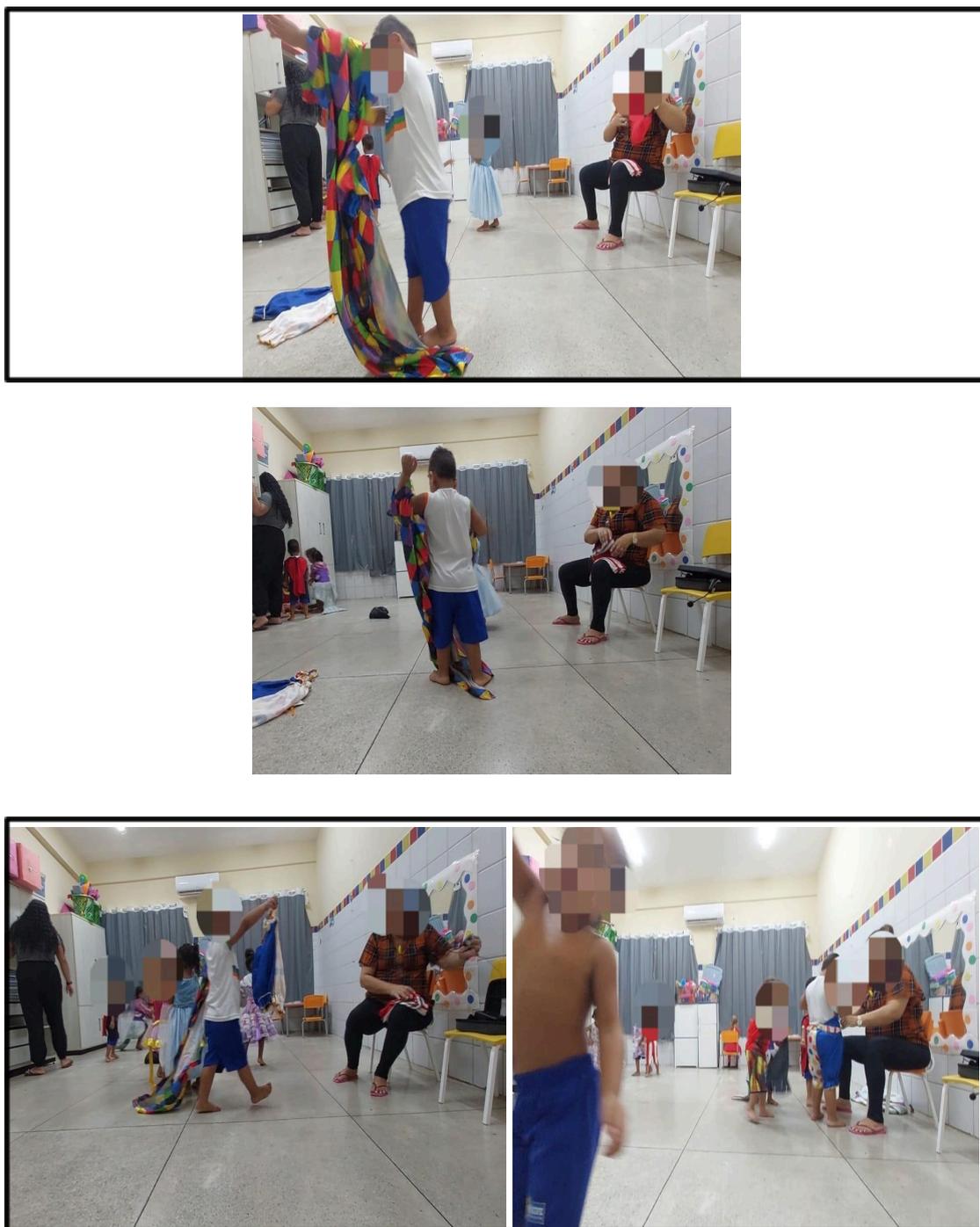
Duas categorias pertencem o terceiro lugar com maior frequência nos vídeos, que são a *Disponibilidade e atendimento* e *Mediação*, presentes em 4 Episódios, totalizando 14,29% dos Episódios avaliados.

No que diz respeito à categoria *Disponibilidade e atendimento*, observamos que nos momentos em que as crianças se dirigiram à educadora, ela respondeu afetivamente, assim como mostra o fragmento do Episódio vinte e sete,

*As crianças estão colocando as fantasias, enquanto algumas vestem sozinhas, outras pedem ajuda e, atenciosamente, a educadora coloca a fantasia em todos. Tom tentava vestir sua fantasia sozinho, mas estava com dificuldade, a educadora com muita paciência perguntava se ele precisava de ajuda. Tom não verbaliza muito bem suas necessidades, porém continua tentando colocar a fantasia sozinho e a educadora sempre permanece disponível. Até que ele vai até a educadora e solicita ajuda, a educadora veste a fantasia nele e ele sai correndo feliz para brincar (descrição do Episódio 27).*

A partir da descrição do Episódio apresentado, observou-se que a professora valoriza a autonomia da criança, permitindo que ela execute a tarefa sozinha enquanto está disponível para ajudar se necessário. De acordo com Pikler, conforme explicado por Soares (2020), as crianças têm um desejo natural de se tornarem independentes, e o papel do educador é apoiar e facilitar esse processo. A Figura 8 ilustra a sequência do evento descrito.

**Figura 8.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e sete.



Fonte: A autora (2024).

A partir do exposto, pode-se perceber que a autonomia não diz respeito apenas a conseguir fazer tudo sozinha, como também, ter a liberdade de pedir ajuda e ser atendida. Ainda, de acordo com Soares (2020), embasada nos pensamentos de Pikler, a autonomia é um elemento central no desenvolvimento infantil e uma forma de empoderar as crianças, dando-lhes a confiança para enfrentar novos desafios e a crença em suas próprias capacidades.

Em relação à postura de *Mediação*, que apareceu em 14,29% dos Episódios avaliados, pode-se analisar que a educadora se preocupa constantemente com a segurança, conforto e bem-estar das crianças. Ao mediar conflitos, a educadora está auxiliando o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças.

Nesse contexto, além de promover um ambiente positivo e seguro, a educadora também ensina habilidades essenciais de resolução de problemas, comunicação e empatia. Portanto, essa atitude não apenas beneficia as crianças no presente, mas também as prepara para interações sociais saudáveis e produtivas ao longo da vida. A partir de um fragmento do Episódio treze conseguimos identificar a educadora na postura de mediação.

*Duas crianças começam a brincar correndo uma atrás da outra com uma boneca em mãos, até que a criança que estava atrás joga a boneca e acaba atingindo o rosto de outra criança que estava sentada no chão. A educadora analisou o fato e perguntou por que o Pluto jogou a boneca no Bob Esponja. Ela explicou que não era permitido jogar objetos nos amigos e mostrou que Bob Esponja ficou muito chateado e estava chorando. Neste mesmo tempo ela interrompeu a brincadeira e pediu para que Pluto se retirasse e pensasse no que fez e que ele só retornaria a brincar depois que conseguisse brincar em harmonia. Momentos depois, Pluto voltou a brincadeira e a educadora acolheu Bob Esponja (descrição do Episódio 13).*

De acordo com o excerto, podemos verificar que a educadora agiu no intuito de harmonizar o ambiente e de conscientizar Pluto em relação à boa convivência com os colegas. A Figura 9 ilustra uma sequência de imagens que retrata o momento relatado.

**Figura 9.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio treze.



Fonte: A autora (2024).

Em outro momento de mediação, no Episódio quatro, a educadora mostrou que é possível fazer algumas intervenções sem interromper a atividade que estava sendo praticada. No fragmento acima, observa-se que a educadora precisou acabar com a brincadeira para que a harmonia fosse restaurada no ambiente, porém, em outro momento a ação foi diferente assim como mostra a descrição do Episódio quatro.

*A educadora percebe que tem uma criança com duas baquetas enquanto tem outra criança apenas olhando, então ela convida as crianças a brincarem juntas, sem sucesso! Cinderela então puxa o instrumento da mão de Jerry e ele começa a chorar. A educadora, sem interromper o momento, toca com a baqueta de Jerry no tambor e convida Cinderela a tocar também, então todos brincam juntos (descrição do Episódio 4).*

Sendo assim, podemos inferir que a educadora em sua postura de Mediação contribuiu para a construção de uma relação positiva com as crianças, baseada no respeito mútuo e colaboração.

Por fim, no que diz respeito a Participação Ativa da educadora, vimos que esta postura está presente em 3 Episódios, o que corresponde a 10,71% dos casos analisados. Assim, observou-se que a ação de brincar foi uma resposta ao convite feito pelas crianças.

No Episódio três, podemos ver detalhadamente o momento em que as crianças estão brincando com os instrumentos musicais e Elsa se aproxima da educadora com um instrumento (Figura 10).

*Elsa se aproxima da educadora e mostra o violão para ela, logo a educadora mostra o pandeiro para Elsa e diz: “olha o sonzinho que esse faz”. Elsa sorri para a educadora e senta em seu colo, explorando o violão e o pandeiro (descrição do Episódio 3).*

**Figura 10.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio três.



Fonte: A autora (2024).

A partir da descrição posta anteriormente, pode-se analisar que brincar junto com a criança fortalece a relação, criando um vínculo afetivo baseado em segurança, confiança e afeto. Desse modo, Soares (2020) afirma que,

Um vínculo de confiança e de segurança afetiva será a sustentação para o desenvolvimento de um sujeito seguro de si mesmo, que pode se expressar com competência e procurar respostas a suas indagações, porque foi escutado em suas necessidades (Soares, 2020, p. 24).

Ainda, no que concerne à categoria *Participação Ativa*, podemos afirmar que a valorização em resposta às atividades das crianças estava presente na postura da educadora. No Episódio vinte e cinco, é mostrado um diálogo da educadora com uma criança, que mostra exatamente que o momento se enquadra na categoria de participação ativa (Figura 11).

*As crianças estão brincando de bonecas sentadas no chão. Ursinha encosta na parede e começa a “ninar” a boneca, cantando uma canção para ela. A educadora percebe a brincadeira e elogia a criança falando que ela está cantando lindamente e estimula ela a continuar brincando “colocando a boneca para dormir”. Ursinha continua balançando a boneca e cantando, a educadora então pergunta: “ela dormiu?” e Ursinha responde: “dormiu, vou colocar ela no berço”. A educadora e Ursinha trocam olhares e a brincadeira continua (descrição do Episódio 25).*

**Figura 11.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e cinco.



Fonte: A autora (2024).

A partir desse diálogo, observa-se que a posição corporal da educadora expressou uma forma de comunicação não verbal com a criança, o que facilitou a interação direta entre elas. Quando ela se colocou ao nível dos olhos da criança que estava ali, demonstrou igualdade e respeito. Segundo Soares (2020), a disposição corporal do educador desempenha um papel crucial na criação de um ambiente seguro, acolhedor e estimulante para as crianças. A proximidade física, o nível dos olhos, a postura aberta e acolhedora, a mobilidade, a expressão corporal e a capacidade de estabelecer conexões significativas são aspectos essenciais para promover um desenvolvimento saudável e positivo. Através de uma disposição corporal consciente e intencional, o educador pode fortalecer os vínculos afetivos, apoiar o desenvolvimento emocional e social dos bebês e criar um ambiente propício ao aprendizado e a exploração.

Ainda no que diz respeito à categoria de *Participação Ativa*, foi possível observar que o momento em que as crianças mais interagiram entre si, foi quando a educadora participou ativamente no momento de brincadeira. A Figura 12 retrata um momento da educadora na categoria de *Participação Ativa*, no Episódio vinte oito, cujo fragmento é descrito a seguir.

*As crianças estão fazendo movimentos comandados pela educadora e em todos os momentos eles conversam entre si, um mostrando ao outro como faz determinado movimento. A professora solicita que eles peguem nas mãos uns dos outros e que interajam entre si (descrição do Episódio 28).*

**Figura 12.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e oito.



Fonte: A autora (2024).

Ao analisar a categoria mencionada, pudemos concluir que a mediação da educadora enriqueceu as interações, introduzindo novos conceitos, vocabulário e desafios cognitivos apropriados ao desenvolvimento das crianças em questão. Além disso, conclui-se também, que a *Participação Ativa* da educadora pode promover o pensamento crítico e a resolução de problemas, incentivando as crianças a pensarem de maneira independente e criativa.

Em resumo, o acompanhamento da turma do Grupo II e as análises videográficas mostraram que a educadora adotou diferentes posturas conforme a necessidade durante o brincar dos bebês. A análise dos dados revelou, de acordo com a teoria, que a postura do educador é fundamental para o desenvolvimento da autonomia durante o brincar e demonstrou como as configurações mudam conforme as atitudes adotadas por ele. A atuação do adulto pode tanto facilitar e estimular a atividade autônoma quanto limitá-la, seja através da organização do ambiente ou pelas formas de intervenção e participação da educadora.

Um dos princípios centrais da Abordagem Pikler que observamos nesta seção é a importância da observação atenta sem intervenção direta. Pikler defende que os educadores devem ser observadores cuidadosos e respeitosos, proporcionando um ambiente seguro e estimulante, mas permitindo que as crianças conduzam seu próprio aprendizado. Através da observação, os educadores podem entender melhor as

necessidades, interesses e ritmos de cada criança, sem impor sua própria agenda ou interromper o processo natural de descoberta (Falk, 2021).

Além disso, Pikler enfatiza que um ambiente cuidadosamente preparado é essencial para o brincar autônomo. Os educadores devem garantir que o espaço de brincadeira seja seguro e que os materiais disponíveis sejam adequados ao desenvolvimento das crianças. Esse ambiente deve ser seguro e desafiador, oferecendo oportunidades para que as crianças explorem e experimentem de acordo com suas capacidades e interesses. Nesse contexto, a postura do educador é de facilitador, fornecendo os recursos necessários sem direcionar a atividade da criança (Falk, 2021).

Por fim, é importante reconhecer que, embora a não-intervenção seja um princípio fundamental, Pikler também reconhece que, em certos momentos, a intervenção do educador é necessária. Nessas situações, a intervenção deve ser sensível e oportuna, baseada em uma observação cuidadosa. O educador deve intervir apenas quando a segurança da criança está em risco ou quando ela demonstra necessidade de ajuda. Mesmo assim, a intervenção deve ser mínima, oferecendo suporte suficiente para que a criança possa retomar sua autonomia rapidamente (Soares, 2020).

A seguir, apresentaremos os dados, a análise e os resultados relacionados ao brincar das crianças, destacando como as atitudes da educadora influenciam o brincar livre do bebê.

#### **4.1.2 As configurações do brincar livre**

Nessa seção são apresentados os resultados relacionados ao que foi observado a partir do brincar livre dos bebês em consonância com as atitudes da educadora.

A primeira categoria analisada foi nomeada de *Brincar livre com brinquedos diversos* e diz respeito aos momentos em que as crianças brincavam com diversos objetos disponíveis em sala, sem nenhuma seleção ou planejamento prévio. A segunda categoria, nomeada como *Explorações de instrumentos musicais e faz de conta*, foi identificada quando as crianças, ao brincarem com os instrumentos, atribuíram significados e construíram uma narrativa. A terceira categoria nomeada de *Faz de conta e fantasia*, foi atribuída à todas as brincadeiras autônomas, imbuídas de imaginação através do brincar simbólico. A quarta e última categoria foi identificada de *Movimento livre*, que diz respeito a todo e qualquer movimento espontâneo que

favoreça o potencial motor.

Ao longo das análises dos vídeos, a categoria que apareceu com mais frequência foi a Faz de conta e fantasia, totalizando 50% das brincadeiras das crianças envolvidas. No que se refere às categorias relacionadas às posturas da educadora, analisamos que esse modo de brincar está presente em 50% dos Episódios de Não Observação Atenta da educadora. Além disso, esteve presente também em 28,57% dos Episódios de Intervenção, em 14,28% dos Episódios de Mediação, em 7,14% dos Episódios relacionados à Participação Ativa e não apresentou postura relativa à Disponibilidade e Atendimento.

Durante as observações, identificamos que o brincar de "faz de conta e fantasia" foi muito frequente na turma. Esse tipo de brincadeira é caracterizado pela habilidade das crianças em usar a imaginação para criar cenários, personagens e histórias, frequentemente utilizando objetos comuns de maneira simbólica. O brincar de "faz de conta" é uma atividade rica e diversificada, oferecendo inúmeras oportunidades para o desenvolvimento infantil. Neste sentido, o Episódio quinze nos mostra o momento em que as crianças utilizaram suas imaginações para construir.

*As crianças estão sentadas no chão com vários blocos de montar, cada uma brinca à sua maneira, mas a brincadeira preponderante foi de construir animais. Surgiram alguns dinossauros, girafas, cavalos etc. (descrição do Episódio 15).*

O Episódio 16 demonstrou como as crianças aprendem a criar e controlar suas próprias histórias, desenvolvendo assim confiança em suas habilidades e criatividade.

*Popeye chega com seus blocos na mão imitando um cavalo e logo percebe que precisa de mais peças para construir o que queria, pois ele iria construir o "mais maior cavalo". Ele vai encaixando uma peça na outra, até que o objeto fica muito pesado e não pára em pé e as peças se desmontam, então ele cria a estratégia de pôr mais peças de lado para equilibrar o peso (descrição do Episódio 16).*

De acordo com o excerto acima, podemos inferir que a partir do brincar "faz de conta", as crianças experimentam diferentes soluções e cenários, aprimorando suas habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico. A Figura 13 ilustra o momento mencionado.

**Figura 13.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dezesseis.



Fonte: A autora (2024).

Além disso, no contexto da categoria "Faz de Conta e Fantasia", é importante destacar que, na brincadeira simbólica, não há um enredo fixo. As crianças simplesmente brincam e criam diversas situações imaginárias. Conforme afirma Linn (2010), para esse tipo de brincadeira, não é necessário ter brinquedos específicos; apenas a criatividade das crianças é suficiente para seu desenvolvimento saudável. Ao assumirem diferentes papéis, como pai, mãe, médico ou até mesmo animais, as crianças começam a explorar e experimentar diversas perspectivas e emoções. O Episódio 10 ilustra o potencial criativo de Docinho e Lindinha enquanto eles criam uma narrativa (Figura 14).

*Docinho e Lindinha estavam brincando de mãe e filha, mas em um certo momento cansaram dessa brincadeira, então Docinho falou pra Lindinha: “Vamos brincar de cavalinho? finge que a gente tá na fazenda, vem, eu sou o cavalo” Então as duas se levantam e uma monta nas costas da outra, mas não senta só acompanha “montada”, mas a brincadeira logo acaba quando a educadora as repreendem mandando-as sentar (descrição do Episódio 10).*

**Figura 14.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dez.



Fonte: A autora (2024).

A partir das análises, conseguimos observar que cada criança cria histórias simples e roteiros baseados em suas experiências cotidianas. Vale ressaltar que o papel do educador é promover e incentivar momentos de “faz de conta”, pois assim, as crianças começam seu processo autônomo, tomando decisões sobre suas brincadeiras, escolhendo personagens, cenários e ações.

A segunda categoria que apareceu com mais frequência foi a de *Movimento Livre*, totalizando 17,85% das brincadeiras observadas. No que tange às categorias relacionadas a postura da educadora, analisamos que esta configuração de brincar está presente e dividida igualmente em 20% de todos os Episódios da categoria em relação à postura da educadora.

Com a análise, percebe-se que as crianças do grupo II não foram oportunizadas em relação ao ambiente organizado para o movimento livre, pois elas passaram a maior parte do tempo nas salas/ambientes. Porém, utilizaremos nessa categoria quaisquer atividades, autônomas, realizadas por iniciativa da própria criança, que corresponda às habilidades motoras (como correr, pular, escalar...)

No Episódio dezenove as crianças se organizam em um brincar com bolas.

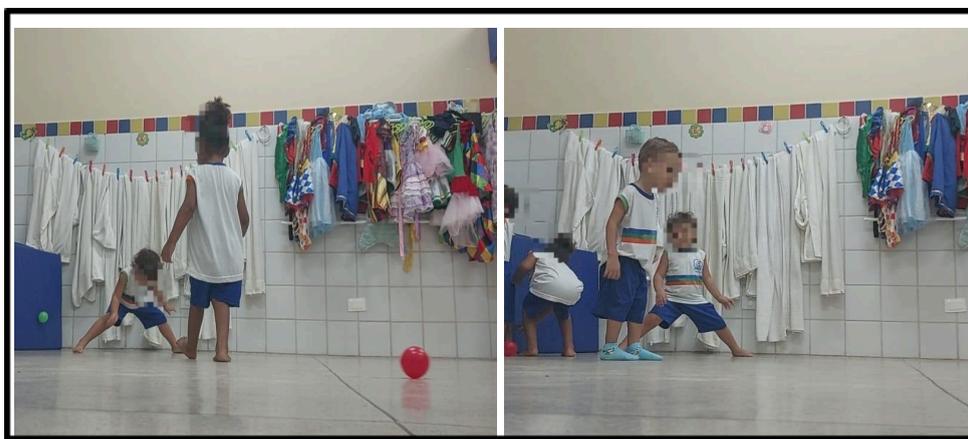
*Docinho e Bob Esponja estão jogando as bolinhas pro alto e tentando pegá-las no ar, mas possuem dificuldade, então, Bob Esponja deu a ideia de um ficar com a perna aberta e o outro chutar a bola para o “gol”. Esta brincadeira se desenrolou por bastante tempo (descrição do Episódio 19).*

Para Falk (2021), à luz da abordagem Pikler, o movimento livre permite que as

crianças explorem seu ambiente, descobrindo novas texturas, formas e espaços, que é fundamentalmente importante para o bom desenvolvimento, além de possibilitar diversas formas de brincar. Além disso, as crianças que possuem a liberdade de se mover, aprendem a tomar decisões sobre onde ir, o que fazer e como resolver problemas, promovendo assim, a sua autonomia.

Segundo Soares (2020), através da liberdade de movimento, as crianças adquirem e mantêm um tônus muscular (que é o estado de tensão do músculo em repouso) saudável, o que é fundamental para seu crescimento e desenvolvimento geral. A Figura 15 ilustra algumas imagens do Episódio 19.

**Figura 15.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio dezenove.



Fonte: A autora (2024).

A agilidade, ou a capacidade de se mover rapidamente e com facilidade, é aprimorada por meio de brincadeiras e atividades livres que exigem respostas musculares rápidas e eficientes. Brincadeiras como as mostradas na Figura 15 são fundamentais para as crianças, pois ajudam a desenvolver a estabilidade corporal, essencial para a coordenação muscular e o bom desenvolvimento físico.

Ainda na categoria *Movimento Livre*, observamos que as crianças brincam com um sentimento de satisfação e colaboram entre si. Um exemplo disso é a cooperação observada no Episódio 28, quando as crianças trabalharam juntas para subir na mesa, conforme ilustrado na Figura 16.

*Ariel está enfileirando as cadeiras para brincar de subir e pular, então ela ajuda Mickey e depois vai atrás de outra cadeira até conseguirem realizar o objetivo final da brincadeira (descrição do Episódio 28).*

**Figura 16.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e oito.



Fonte: A autora (2024).

Observamos que, mesmo sem uma organização prévia para o *Movimento Livre*, as crianças exploraram bem essa categoria. Elas desenvolvem estratégias naturais para brincar, o que permite explorar o mundo ao redor, aprender novas habilidades e satisfazer suas curiosidades inatas.

Outra categoria que apareceu com certa frequência foi a *Explorações de instrumentos musicais e faz de conta*, representando 17,85% dos Episódios analisados. Em relação à postura da educadora, essa categoria esteve presente em 60% das posturas *Participação Ativa*, 20% em *Não Observação* e 20% em *Mediação*. A educadora não adotou posturas de *Intervenção* ou *Disponibilidade e Atendimento* nesta categoria.

Na exploração de instrumentos musicais, observou-se também um brincar de faz de conta, que surgiu em alguns momentos. As crianças, ao brincar, ouvem os sons, compreendem as funções dos instrumentos, manipulam os objetos com atenção e investigam suas possibilidades. Isso revela que a imaginação e a capacidade de criar narrativas estiveram presentes no brincar com diversos objetos, como demonstrado na descrição a seguir.

*Pluto pega um chocalho de garrafa pet e começa a bater no chão, ouvindo o som que faz, depois arrasta a garrafa e faz de carrinho, fazendo o som com a boca “vruum”. Depois brinca com esse mesmo chocalho fingindo que está tomando alguma bebida e diz: “hum, gostoso” (descrição do Episódio 6).*

A partir do fragmento descrito acima, podemos perceber que Pluto deu várias funcionalidades para o mesmo objeto, o que demonstrou uma habilidade de pensar de maneira flexível e criativa. A Figura 17 ilustra uma sequência dos acontecimentos descritos no Episódio seis.

**Figura 17.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio seis.



Fonte: A autora (2024).

A categoria que apareceu com menos frequência foi a Brincadeira livre com brinquedos diversos, representando 14,28% dos Episódios analisados. Em relação à postura da educadora, a categoria Não Observação representou 50% das ações, enquanto Mediação e Intervenção representou 25%. As posturas de Disponibilidade e Atendimento e Participação ativa não foram observadas nesta categoria.

Observamos que, nesta categoria, as crianças enfrentam dificuldades para brincar em harmonia, não interagem entre si e se concentram apenas em colecionar brinquedos. Esse comportamento parece ocorrer devido à falta de planejamento para o brincar livre, com a ausência de instruções claras por parte da educadora. Quando são fornecidas instruções em um contexto grupal, elas ajudam as crianças a coordenarem suas ações com as dos outros, promovendo colaboração e comunicação, conforme ilustrado na Figura 18.

*As crianças estão na sala de origem brincando com diversos brinquedos espalhados no chão, há uma disputa por uma boneca específica e a educadora chama as crianças para que elas dividam a boneca, mas o conflito não é resolvido (descrição do Episódio 22).*

**Figura 18.** Ilustração da atividade com as crianças do Episódio vinte e dois.



Fonte: A autora (2024).

De acordo com as imagens, pudemos perceber que a postura da educadora é de Não Observação, uma vez que ela está dedicada em realizar outra atividade e não está disponível para atender às crianças no momento de brincar.

Fochi *et al.* (2017) discutem o papel do adulto e das consignas no brincar heurístico, destacando que essas orientações são também essenciais para a organização de qualquer tipo de brincadeira. Segundo os autores, as consignas são instruções iniciais que podem incluir dicas ou sugestões para estimular o pensamento crítico e a resolução de problemas durante a brincadeira. Elas também auxiliam na socialização, na divisão dos materiais e na garantia de que todos tenham a mesma oportunidade de brincar com os objetos disponíveis.

Apesar das dificuldades encontradas, as crianças conseguiram se organizar de forma ativa para o brincar livre, mostrando um potencial autônomo significativo. Isso sugere que, mesmo quando os ambientes não são intencionalmente organizados, as crianças demonstram um grande potencial criativo em suas brincadeiras.

Vale ressaltar que o Centro de Educação investigado não adota claramente a perspectiva da Abordagem Pikler sobre o brincar livre. No entanto, tanto a professora quanto a instituição reconhecem a importância e o valor do brincar livre, e como ele enriquece as práticas pedagógicas. A seguir, na próxima seção, exploraremos as posturas da educadora e como ela percebe e incorpora o brincar livre em sua prática.

## 4.2 RESULTADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A EDUCADORA

A entrevista semiestruturada é uma ferramenta valiosa para pesquisas qualitativas, pois combina a estrutura necessária para cobrir os tópicos essenciais com a flexibilidade para explorar em profundidade as respostas dos entrevistados. Esse método permite capturar uma ampla gama de perspectivas individuais e obter resultados detalhados, o que pode enriquecer significativamente a compreensão do pesquisador sobre o fenômeno estudado (Minayo, 2002)

Antes de iniciar as observações, era importante compreender a perspectiva da educadora sobre o tema investigado. Ao perguntar: “Qual é o seu conhecimento sobre o brincar livre?”, a educadora explicou que incorpora o brincar livre em seu planejamento, promovendo a exploração de brinquedos e permitindo que as crianças se movimentem livremente no parque. No entanto, ela mencionou uma dificuldade com o parque, que é pequeno para o número de crianças. Durante as observações, constatamos que as crianças não exploraram o parque em nenhum dos dias.

Além disso, perguntei se o conhecimento sobre brincar livre foi adquirido por meio de alguma formação (individual ou continuada). A educadora respondeu com entusiasmo, destacando que a prefeitura do Recife oferece uma ampla gama de formações. Ela relatou que, em uma dessas formações, a formadora compartilhou práticas diárias relacionadas ao brincar livre, enfatizando a importância da exploração de brinquedos e materiais. A educadora se sentiu à vontade para discutir suas experiências, e não seguimos, linearmente, as perguntas elaboradas, mas ela respondeu o que achava e expressou suas opiniões e angústias.

Seguindo a entrevista, em um dado momento foi perguntado sobre o que a educadora conhecia sobre autonomia e ela expressou-se de maneira bem eloquente no que tange à pouca intervenção do adulto e o respeito pelas decisões das crianças. Para Soares (2020, p. 47), a palavra autônomo se refere à “capacidade de se mover por iniciativa própria, de acordo com sua vontade e competência, sem a ajuda de um adulto”.

Por fim, a conversa terminou com o relato da educadora em gerenciar as crises durante o brincar livre, pois muitas crianças se interessam pelo mesmo brinquedo e isso gera alguns conflitos. Segundo Soares (2020),

É necessário sensibilidade e senso de observação para decidir quais

brinquedos devem ser oferecidos a um grupo de crianças, de forma que favoreçam o desenvolvimento de todas elas, e ao mesmo tempo, as mantenham interessadas (Soares, 2020, p. 42).

A educadora analisa a sua postura como respeitosa aos momentos de brincar e avalia que dentro do cenário possível consegue mediar bem os momentos. *“A minha postura é sempre de tentar apaziguar a brincadeira e mostrar objetos que interessem a todos, para fazê-los entender que todo mundo vai ter a oportunidade de brincar com a mesma coisa, só precisam esperar o tempo do amigo”* - fragmento de resposta da educadora Josi.

Concluimos que a educadora compreende o brincar livre sendo restrito à exploração dos materiais e esta teoria não se alinha aos pressupostos da abordagem Pikler, pois a visão é limitada e não reflete a complexidade e a riqueza do conceito de brincar na perspectiva de Emmi Pikler. A abordagem propõe que o brincar vai muito além do contato com objetos e materiais: é uma forma fundamental de expressão, exploração do corpo e interação com o ambiente e outras pessoas, promovendo o desenvolvimento integral da criança.

#### **4.2.1 O brincar livre na prática docente: o que nos diz a entrevista projetiva**

As entrevistas projetivas são uma técnica qualitativa usada para acessar sentimentos, motivações, atitudes e percepções que podem não ser facilmente expressas ou conscientes pelo entrevistado. Essa técnica é especialmente útil quando se lida com temas sensíveis ou quando se quer evitar respostas socialmente desejáveis (Minayo, 2002).

Utilizamos este tipo de entrevista com a intenção de permitir que a entrevistada projetasse seus pensamentos e sentimentos em estímulos externos em relação à sua atitude enquanto as crianças brincam em um determinado momento. Ao pedir à entrevistada que respondesse com a primeira palavra o que vem à mente quando apresentado a um estímulo, que nesse caso foi um vídeo em que ela assume a postura de Intervenção, a resposta da educadora foi “observação”. Segundo Soares (2020), ao observar, o educador pode permitir que as crianças explorem e experimentem de forma independente, promovendo a autonomia e a confiança. A Abordagem Pikler valoriza profundamente a observação como uma prática essencial no cuidado e na educação de crianças pequenas. Para Pikler, tal atitude desempenha um papel central na compreensão das necessidades, interesses e desenvolvimento individual de cada

criança.

Para esta ocasião da investigação, separamos um vídeo do seguinte momento em que ela não observa o brincar e acaba interrompendo a exploração das crianças,

*As crianças estão sentadas no chão brincando de boneca, então decidem levantar e montar um ônibus com duas cadeiras. Duas crianças sentam nas cadeiras e se comunicam com as bonecas, outras crianças chegam e tentam sentar também, mas sem sucesso. A professora pede que as crianças devolvam as cadeiras e solicita várias vezes para que elas coloquem “no lugar”, mas as crianças não dão ouvidos e continuam a brincadeira, mas em um certo momento a professora se levanta solicita que as crianças levantem, então ela pega as cadeiras e as guarda, fazendo assim a brincadeira acabar (descrição do Episódio 12).*

Pikler acreditava que a observação cuidadosa ajuda a prevenir intervenções desnecessárias e inadequadas. Ao observar, o educador aprende a distinguir quando é realmente necessário intervir e quando é mais benéfico permitir que a criança resolva os desafios por conta própria. Isso reforça a autonomia e a autoconfiança da criança (Falk, 2021). No contexto do episódio descrito acima, vimos que a intervenção resultou na desconstrução de uma brincadeira, pois não houve uma observação atenta. Esse conhecimento individualizado é crucial para apoiar o desenvolvimento autônomo da criança, garantindo que ela possa explorar o ambiente de forma confiante.

Ao analisar este vídeo a educadora não identificou que sua postura foi de Intervenção inadequada, pois a brincadeira estava em harmonia, o que permite desenvolver uma série de aprendizados às crianças. Então ela relatou: “*Eu poderia ter explorado um pouco mais o brincar juntos, mas o tempo é pouco em algumas situações como essa, por exemplo, em que eu tinha que deixar tudo organizado para o momento posterior*” (fragmento de resposta da educadora Josi).

Depois de visto o vídeo e de ter refletido um pouco a sua postura, a educadora entendeu que precisaria ter observado com mais atenção o brincar e entendeu que se tivesse explorado mais “*teria entrado na brincadeira com eles e visto o tanto de potencial que eles têm ao inventar as coisas, ali eu poderia até ter escutado o que eles estavam falando, porque, às vezes, eles falam coisas que fazem parte do dia a dia deles e que a partir disso a gente pode conhecê-los melhor*” (fragmento de resposta da educadora Josi).

Por fim, analisamos que a projeção da atitude referida, trouxe à tona pensamentos e reflexões que proporcionaram uma visão mais profunda das atitudes da entrevistada. Quando perguntado se este momento trouxe algum benefício à sua

prática, a entrevistada respondeu: *“achei muito importante que você trouxe essa visão, porque quando estamos de dentro não conseguimos olhar da mesma forma de quem está de fora e quando eu vi mais uma vez o vídeo eu entendi que ali não era o momento de me preocupar com a organização, mas sim de entender que ali estava acontecendo uma brincadeira muito valiosa”* (fragmento de resposta da educadora Josi).

Por fim, concluímos que a entrevista projetiva contribuiu para a reflexão da educadora sobre sua postura. Muitas das respostas vieram acompanhadas de narrativas e contextos, oferecendo uma compreensão mais rica e detalhada de suas experiências e percepções.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo investigar a postura da educadora durante o brincar autônomo das crianças na turma de um Centro Municipal de Educação Infantil de Recife-PE, analisando os resultados sob a perspectiva da Abordagem Pikler. Ao longo da investigação, buscamos refletir sobre a função da educadora e os princípios fundamentais defendidos por essa abordagem, que destacam a importância de valorizar a atividade autônoma da criança e a presença essencial do adulto.

Para discutir a postura da educadora, começamos revisando bibliografias que nos ajudaram a entender a concepção atual de criança, a configuração da prática pedagógica e o espaço destinado. Em seguida, focamos nos estudos sobre a Abordagem Pikler para explorar seus princípios fundamentais e os pressupostos mais relevantes, com ênfase no papel do adulto no contexto do brincar livre.

Buscando entrelaçar teoria e prática, observamos as atividades de brincar em uma instituição de educação infantil que não adota os princípios da Abordagem Pikler. Isso ressalta a importância de as escolas e educadoras compreenderem essa abordagem para entender melhor o papel do adulto na exploração livre das crianças.

A partir do objetivo geral da pesquisa *compreender a concepção e a postura do adulto educador sobre o brincar livre e a repercussão disso na atividade autônoma dos bebês*, e dos objetivos específicos 1) Verificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica do educador e como ele o concebe; 2) Investigar quais são as configurações do brincar livre dos bebês considerando as atitudes do educador; 3) Analisar as possíveis atitudes do educador em relação ao brincar livre dos bebês, concluímos, de acordo com os resultados obtidos, que o brincar livre está inserido na prática da educadora e que ela o concebe de uma maneira diferente do que nos explicita a Abordagem Pikler. Constatamos também que a postura da educadora condiz com o que a mesma acredita e entende sobre o brincar livre e que diante de várias configurações que as crianças apresentaram houve uma adequação em relação às atitudes.

Em relação ao objetivo específico *Verificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica do educador e como ele o concebe*, foi possível evidenciar que a educadora insere o brincar livre em seu planejamento, utilizando dos recursos disponíveis, a partir de seu entendimento sobre a questão. Embora os

pressupostos assumidos pela mesma não estejam, totalmente, em consonância com a Abordagem Pikler, a educadora permite que a exploração aconteça de acordo com a vontade das crianças. Por meio da entrevista semi-estruturada, percebemos que a forma como ela concebe o brincar livre se limita à exploração dos objetos, assim, concluímos que de acordo com o que a mesma entende e interpreta, suas atitudes se encontram coerentes.

No objetivo *Investigar quais são as configurações do brincar livre dos bebês considerando as atitudes do educador*, identificamos quatro categorias a respeito, foram elas: Brincar livre com brinquedos diversos, Explorações de instrumentos musicais e faz de conta, Faz de conta e fantasia, e Movimento livre. E, a partir de nossas análises, percebemos que as crianças são oportunizadas a explorarem seu potencial criativo por meio da liberdade de movimentos, porém, não identificamos a intencionalidade da educadora nesses momentos de exploração, pois não houve organização do espaço, nem observação atenta e também algumas interferências.

No que tange ao objetivo *Analisar as possíveis atitudes do educador em relação ao brincar livre dos bebês*, identificamos cinco posturas: 1. Disponibilidade e atendimento; 2. Não Observação atenta ao brincar livre; 3. Participação ativa; 4. Mediação; 5. Intervenção. A partir disso, a análise dos dados confirmou, em alinhamento com a teoria, que a postura do educador é crucial para o desenvolvimento da autonomia durante o brincar, mostrando como as configurações se alteram dependendo das atitudes adotadas por ele. A atuação do adulto pode tanto promover e incentivar a atividade autônoma quanto restringi-la, seja por meio da organização dos espaços ou pelas formas de intervenção e participação da educadora. Percebemos que a educadora em questão adotou diferentes posturas em várias situações, adequando seus posicionamentos e suas intervenções.

Ressaltamos que as análises foram feitas a partir dos princípios piklerianos como: o respeito pelo tempo da criança, autonomia do movimento, cuidado individualizado e atenção plena e ambiente preparado. Acreditamos que tais princípios são importantes para promover um desenvolvimento saudável e harmonioso. Dessa forma, podemos inferir que o brincar livre esteve presente na rotina e na prática pedagógica da educadora, porém, sem um alinhamento literal do que apresenta a Abordagem Pikler.

Tendo em vista o que foi explicitado, ressaltamos que a Abordagem em questão foi uma base teórica utilizada apenas para a análise dos dados com o objetivo

de trazer contribuições pertinentes para se pensar na prática pedagógica com bebês, evidenciando a importância do brincar livre para o desenvolvimento dos mesmos. Tendo como embasamento teórico as questões trazidas por Emmi Pikler, a pesquisa realizada teve o intuito de dar uma perspectiva diferente na relação das crianças que estão inseridas no contexto de creche, quebrando os paradigmas de um olhar assistencialista que não explora o potencial autônomo de exploração.

Portanto, acreditamos que o desenvolvimento desta dissertação ajudou não somente na reflexão sobre o papel da educadora na brincadeira livre das crianças, mas também no entendimento do impacto do ambiente da creche no desenvolvimento integral, além de reforçar a importância de garantir que ela ofereça um cuidado de qualidade, respeitando o desenvolvimento individual de cada uma das crianças presentes ali. Além disso, o estudo trouxe para o campo da Educação Infantil discussões referentes à faixa etária de 0 a 3, visto que há uma escassez nas produções, sobretudo que focalizam o brincar livre.

Sendo assim, é importante frisar que muitos elementos importantes foram descobertos na pesquisa e que consideramos primordial para contribuir com o brincar livre no contexto das práticas pedagógicas, como: a organização do espaço proposto para o brincar e o planejamento das ações e materiais disponibilizados. Todavia, esses não foram objetos diretos da nossa pesquisa. Assim, podemos pensar em possíveis desdobramentos para trabalhos futuros: como os fatores externos influenciam no brincar livre dos bebês? Como escolher os materiais adequados para a exploração? Qual a importância de organizar os espaços de brincar? Acreditamos que essas questões podem ampliar os estudos sobre a importância do brincar livre para os bebês e como ele pode ser inserido na rotina da creche.

Por fim, é importante lembrar que encontramos muitos desafios ao longo da pesquisa, como a disponibilidade de tempo para a realização do estudo e os entraves burocráticos e estruturais. Assim, culminou para que a entrevista projetiva tenha ficado com poucos elementos para discussão, uma vez que a ideia era ter uma projeção da postura da educadora em cada categoria do brincar, porém, com a chegada do fim do semestre as demandas aumentaram e a disponibilidade dos envolvidos diminuíram, mas com muita resiliência conseguimos dados suficientes para que a pesquisa não sofresse alterações. Certamente temos uma pesquisa que irá contribuir para produções futuras, bem como para pensarmos nas práticas enquanto educadoras e educadores de bebês.

Ao final deste percurso, reafirmamos a importância de continuar refletindo sobre as práticas pedagógicas voltadas para as crianças bem pequenas, buscando sempre valorizar sua autonomia e garantir oportunidades para um desenvolvimento integral. Que este trabalho sirva como ponto de partida para educadoras e educadores repensarem suas práticas, promovendo ambientes que acolham o brincar livre como um direito essencial das crianças. As contribuições aqui reunidas certamente enriquecerão não apenas o campo acadêmico, mas também as experiências cotidianas nas creches, ajudando a transformar os espaços educativos em verdadeiros territórios de descoberta, autonomia e afeto.

## REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 1-10, 2001.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil**. In: CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed Editora, 2012, p. 67-79.

BARBOZA, Georgete de Moura. **Horizonte de possibilidades na humanização de bebês em um contexto de vida coletiva: entre retalhos e narrativas**. 2021. 198 p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021

BERTONCELLI, Mariane; CONCEIÇÃO, Caroline. A profissão docente na Educação Infantil: uma análise histórica na constituição de um grupo. **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 11, n. 21, p. 64 – 84, 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 2000. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 01 abr. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 8.069, de 13/07/1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 01 abr. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º 9.394, de 26 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 28 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 12 abr. 2024.

CARVALHO, Maria Teresa; ORTIZ, Cisele. **Interações: ser professor de bebês-cuidar, educar e brincar uma única ação**. 1. ed. Coleção interações. São Paulo: Blucher, 2012. 221 p.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI). **Estudo nº 1: O impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**. Núcleo Ciência Pela Infância, 2014. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em: 11 abr. 2024.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?**

Porto Alegre: Artmed, 2012. 164 p.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos. 4. ed. São Paulo: Omnisciência, 2021.

FALK, Judit. **Abordagem Pikler Educação Infantil**. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos. 3. ed. São Paulo: Omnisciência, 2022.

FOCHI, Paulo Sergio. **“Mas os bebês fazem o que no berçário, heim”?: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva**. Dissertação (Mestrado em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2013.

FOCHI, Paulo Sergio. Org. **O brincar heurístico na creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil- OBECI**. São Paulo, 2017.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A Organização dos Espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas: São Paulo, 2008.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

KÁLLÓ, Éva; BALOG, Gyorgyi. **As origens do brincar livre**. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos. 2. ed. São Paulo: Omnisciência, 2021.

KRAMER, Sonia; SILVA, J. P. D; BARBOSA, S.N.F. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 41-64, 2005.

LINN, Susan. **Em defesa do faz de conta**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

MACHADO, Ana Corina. **Processo de criação das primeiras creches brasileiras e seu impacto sobre a educação infantil de zero a três anos**. *Revista científica eletrônica de Pedagogia*, São Paulo, n. 5, p. 1-10, 2005.

MARINO, Eduardo; PLUCIENNIK, Gabriela Aratangy. **Primeiríssima infância da gestação aos três anos: percepções e práticas da sociedade brasileira sobre a fase inicial da vida**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis. Vozes, 2002. 41 p.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

MÓZES, Eszter. **La pedagogia Pikler Lóczy de educación infantil**. *Revista Latinoamericana de Educación Infantil*, v. 5, n. 3, 2018.

NASCIMENTO, Anelise; ARRUDA, Glacione Ribeiro da Silva. Quem são os bebês? perspectivas e possibilidades para a construção de um conceito. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 981-1018, 2019.

OLIVEIRA, Alessandra Giriboni de. **Brincadeira dos bebês em contexto de creche: a explicitação de uma pedagogia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2019

PICCININI, Cesar A.; SEABRA, Karla; VASCONCELOS, Vera. **Bebês na creche: contribuições da psicologia do desenvolvimento**. Curitiba: Juruaá, 2017. 232 p.

PIKLER, Emmi. **Moverse en Libertad: Desarrollo de la motricidad global**. Narcea Ediciones: Madrid, 1969.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143- 155, 2009.

SOARES, Suzana M. **Vínculo, movimento e autonomia – educação até 3 anos**. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos. São Paulo: Omnisciência, 2020.

VANDERLEI, Jessika. **A postura do educador na promoção da autonomia e do brincar livre de crianças bem pequenas: um estudo à luz da abordagem Pikler**. 2022. Monografia do curso de licenciatura em pedagogia (departamento de Educação) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

**APÊNDICE 1: COLETA DE DADOS DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES -  
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

COLETA INICIAL DOS DADOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1. NOME
2. E-MAIL
3. COMO DESEJA IDENTIFICAR O SEU NOME NA PESQUISA?
4. GRAU DE ESCOLARIDADE
5. QUAL O SEU CONHECIMENTO A RESPEITO DO BRINCAR LIVRE?
6. A SUA CONCEPÇÃO SOBRE O BRINCAR LIVRE É BASEADA EM ALGUM FUNDAMENTO QUE VOCÊ APRENDEU? SEJA EM FORMAÇÃO (INICIAL OU CONTINUADA?)
7. QUAL A ROTINA DE BRINCAR LIVRE DOS BEBÊS PARTICIPANTES?
8. DESCREVA BREVEMENTE COMO ACONTECE O BRINCAR LIVRE DOS BEBÊS PARTICIPANTES
9. O QUE É AUTONOMIA PARA VOCÊ?
10. VOCÊ GOSTARIA DE RELATAR ALGO SOBRE A SUA POSTURA NAS SITUAÇÕES DE BRINCAR LIVRE DAS CRIANÇAS?

## APÊNDICE 2: ANÁLISE DOS REGISTROS EM VÍDEO

### ANÁLISE DOS REGISTROS DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS PELA PESQUISADORA

1. QUAL A PRIMEIRA PALAVRA QUE TE VEM À MENTE ANALISANDO ESTE VÍDEO?
2. FAÇA UM BREVE RELATO SOBRE O QUE VOCÊ ACHOU DAS SUAS ATITUDES DIANTE DO BRINCAR LIVRE DAS CRIANÇAS, BASEADO NO QUE VOCÊ VIU NOS REGISTROS EM VÍDEO
3. VOCÊ MUDARIA ALGUMA COISA NA SUA POSTURA?
4. A PESQUISA TE AJUDOU EM ALGO? SE SIM, EM QUÊ?

**ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA (EDUCADORA)**

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada **“AS CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR LIVRE DE CRIANÇAS DE 2 ANOS NO CONTEXTO DA CRECHE: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO E POSTURA DA EDUCADORA À LUZ DA ABORDAGEM PIKLER”**.

Você não deve participar contra sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos da pesquisa sejam esclarecidos.

1. O objetivo principal desta pesquisa é compreender a concepção e a postura do adulto educador sobre o brincar livre e a repercussão disso na atividade autônoma de crianças entre 0 e 2 anos no espaço coletivo da creche. Sendo as especificidades: 1) Identificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica do educador e como ele o concebe; 2) Analisar as possíveis atitudes do educador em relação ao brincar livre dos bebês; 3) Investigar quais são as configurações do brincar livre dos bebês considerando as atitudes do educador;
2. Para coletar os dados, utilizaremos os seguintes procedimentos metodológicos: observação, por meio de filmagens, fotos, gravações de áudios, registros escritos e entrevistas;
3. As filmagens, as fotografias, as gravações de áudios, os registros escritos e as entrevistas terão como conteúdo o brincar livre dos bebês e as atitudes das educadoras;
4. As entrevistas serão realizadas em local e horário escolhidos por você, de forma que não interfira em suas atividades de rotina diária. Os conteúdos das entrevistas são perguntas de dados pessoais e profissionais, como: nome, formação inicial, pós-graduação, experiência com bebês e conhecimentos prévios acerca das temáticas;
5. Como benefícios, a pesquisa poderá contribuir com o conhecimento científico na área da Educação Infantil bem como a formação contínua de cuidadores de bebês;
6. Durante o período da coleta dos dados, se desejar, você poderá solicitar à

pesquisadora que esclareça suas dúvidas, mostrar o que está sendo registrado e dizer se concorda ou não com o que está sendo registrado e, caso se sinta desconfortável com algumas das entrevistas, não autorizá-la;

7. Assumimos a responsabilidade de só divulgar os dados coletados para fins acadêmicos e científicos com sua autorização;

8. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo;

10. Garantimos que sua identidade não será revelada com as informações conseguidas com sua participação, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação dessas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Informamos que a qualquer momento você poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones e endereço dos pesquisadores.

**Nome da pesquisadora:**

**Endereço da pesquisadora:**

**Contato da pesquisadora:**

Concordo \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ ciente:

---

**ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)**

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho para participar, como voluntário (a), da pesquisa “**AS CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR LIVRE DE CRIANÇAS DE 2 ANOS NO CONTEXTO DA CRECHE: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO E POSTURA DA EDUCADORA À LUZ DA ABORDAGEM PIKLER**”.

Esta pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora: Josiane da Silva Morais, residente da avenida Leopoldino Canuto de Melo, Caixa d'água- Olinda, sob o CEP 53210250, para qualquer contato está disponível: o telefone (81)98770-8916 e o E-mail (silva.morais2008@gmail.com). Esta pesquisa está sob a orientação da Profª Drª Emmanuelle Christine Chaves da Silva, que se encontra disponível para contato no telefone: (81)99977-5881 e no E-mail: emmanuelle.csilva@ufrpe.br.

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

1. O objetivo principal desta pesquisa é compreender a concepção e a postura do adulto educador sobre o brincar livre e a repercussão disso na atividade autônoma de crianças entre 0 e 2 anos no espaço coletivo da creche. Sendo as especificidades: 1) Identificar se e como o brincar livre está inserido na prática pedagógica do educador e como ele o concebe; 2) Analisar as possíveis atitudes do educador em relação ao brincar livre dos bebês; 3) Investigar quais são as configurações do brincar livre dos bebês considerando as atitudes do educador;
2. Para coletar os dados, utilizaremos os seguintes procedimentos metodológicos: observação, por meio de filmagens, fotos, gravações de áudios, registros escritos;
3. As filmagens, as fotografias, as gravações de áudios e os registros escritos terão como conteúdo o brincar livre dos bebês e as atitudes das educadoras nos momentos de parque e de brincadeiras nas salas organizadas;
4. Como benefícios, a pesquisa poderá contribuir com o conhecimento científico na área da Educação Infantil bem como a formação contínua de cuidadores de bebês;
5. Assumimos a responsabilidade de só divulgar os dados coletados para fins acadêmicos e científicos com sua autorização;

6. A qualquer momento, você poderá recusar a continuidade de participação do(a) seu(a) filho(a) da pesquisa e retirar seu consentimento, sem que isso traga qualquer prejuízo.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos, filmagens, etc), ficarão armazenados em (pastas de arquivo, computador pessoal), sob a responsabilidade da pesquisadora: Josiane e da orientadora: Emmanuelle, pelo período mínimo de 05 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFRPE no endereço: Rua Manoel de Medeiros, S/N Dois Irmãos – CEP: 52171-900 Telefone: (81) 3320.6638 / e-mail: cep@ufrpe.br (1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE, (ao lado da Secretaria Geral dos Conselhos Superiores). Site: [www.cep.ufrpe.br](http://www.cep.ufrpe.br) .

---

**Assinatura do pesquisador (a)**

**CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A  
VOLUNTÁRIO**

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável por \_\_\_\_\_, autorizo a sua participação no estudo **AS CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR LIVRE DE CRIANÇAS DE 2 ANOS NO CONTEXTO DA CRECHE: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO E POSTURA DA EDUCADORA À LUZ DA ABORDAGEM PIKLER** como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data \_\_\_\_\_

**Assinatura do (da) responsável:** \_\_\_\_\_